

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

ABORDAGENS PSICOLÓGICAS DO INCONSCIENTE



Atena
Editora

Ano 2021

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

ABORDAGENS PSICOLÓGICAS DO INCONSCIENTE



Atena
Editora

Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Abordagens psicológicas do inconsciente

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Thiago Meijerink
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A154 Abordagens psicológicas do inconsciente / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-434-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.341212608>

1. Psicologia. 2. Abordagem. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coletânea *Abordagem Psicológicas do Inconsciente*, reúne seis artigos que abordam diversas enfoques dado à elaboração iniciada com Freud sobre o Inconsciente

Freud parte das ciências da natureza para todo o seu empreendimento rumo às neuroses. Empreendimento este iniciado após a bolsa de estudos em Paris no ano de 1885, onde realizou uma espécie de residência clínica sob os cuidados do neurologista/psiquiatra francês Jean Martin Charcot no Hôpital de la Salpêtrière. Anos depois, em 1895 escreve seu *Entwurf Einen Psychologie* como uma tentativa de explicar o funcionamento do aparelho psíquico.

No Projeto, Freud lança algumas das ideias que fundamentam o que posteriormente nomeia como metapsicologia. Aborda desde a concepção quantitativa da pulsão, a lógica entre prazer e desprazer, a ideia de recalçamento, até o inconsciente (a omissão da consciência) enquanto processo primário e que se manifesta nos sonhos.

Mas é somente em 1900 que o conceito do inconsciente é primariamente formulado. Essa formulação ocorre em *Traumdeutung*, obra que Freud dedica à criação de um método para ler esse discurso outro, dessa Outra Cena, que é o inconsciente.

Desejo uma excelente leitura dos artigos que se seguem.


Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O INCONSCIENTE NUMA EXPERIÊNCIA (PÃ)FORMATIVA


Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126081>

CAPÍTULO 2..... 10

A TEORIA DO DUPLO EM *DON JUAN* DE MOLIÈRE: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA


Alcione Gonçalves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126082>

CAPÍTULO 3..... 19

JORGE MARTINS: A SUA INTROJEÇÃO COM A PROJEÇÃO DE SEUS DESENHOS

Luís Filipe Salgado Pereira Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126083>

CAPÍTULO 4..... 29

MEMÓRIA EDUCATIVA: SIGNIFICADOS QUE EMERGEM NA ATUAÇÃO DOCENTE

Frizete de Oliveira

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126084>

CAPÍTULO 5..... 48

A RELAÇÃO ENTRE OS TRAUMAS PSICOLÓGICOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA E O DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS MENTAIS NA VIDA ADULTA

Ronnyel Wanderson Soares Pacheco

Manoel Aguiar Fenelon Junior

Daniela Machado Bezerra

Maria Goreth Pearce de Sousa Silva

Armando Gabriel Machado Arruda


Daniel Henrique Pinheiro Rebouças

Jacob Victor de Santana Costa

João Henrique Piauilino Rosal

Vinícius José de Melo Sousa

Joíson Ramos - Jesus

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126085>

CAPÍTULO 6..... 63


QUANDO A DEPRESSÃO ADENTRA O TEMPLO

Wanessa Azevedo Sousa

Salma Suellen Ingelsrud Leal.

Érica Vanessa Rodrigues da Silva

Ruth Raquel Soares de Farias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126086>

| | |
|---------------------------------|-----------|
| SOBRE O ORGANIZADOR..... | 79 |
| ÍNDICE REMISSIVO..... | 80 |

CAPÍTULO 1

O INCONSCIENTE NUMA EXPERIÊNCIA (PÃ) FORMATIVA

Data de aceite: 01/09/2021

Ezequiel Martins Ferreira

<http://lattes.cnpq.br/4682398500800654>

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo estabelecer relações entre a interpretação psicológica e psicanalítica de Pã como elemento base para a criação artística e o produto videoperformativo resultante desse processo. Para tal recorreremos à autores da Psicologia Analítica Arquetípica e da Psicanálise para articular Pã ao Inconsciente. Da Psicologia Arquetípica explicitamos os símbolos evocados pelo mito, e da Psicanálise extraímos do mito correlações simbólicas presentes na vida anímica.

PALAVRAS-CHAVE: Pã, Performance, Inconsciente.

ABSTRACT: The present work aims to establish relationships between a psychological and psychoanalytic interpretation of Pã as a base element for artistic creation and the videoperformative product resulting from this process. For such, we resorted to the authors of Archetypal Analytical Psychology and Psychoanalysis to articulate Pã to the Unconscious. From Archetypal Psychology we make explicit the symbols evoked by the myth, and from Psychoanalysis we extract symbolic correlations present in soul life from the myth.

KEYWORDS: Pã, Performance, Unconscious.

Desde 1900 com a publicação de *Interpretação dos Sonhos* de Sigmund Freud, a noção de uma *Outra Cena*, que não aquela da consciência, tem iluminado o pensamento humano. Seja o Inconsciente Pessoal em Freud, o Coletivo em Jung, o Estrutural em Lévi-Strauss, o do Real em Lacan, o Estético em Rancière, o Optico em Benjamin, o Teatral em Quinet, entre inúmeros outros, o “buraco negro” foi descoberto e evidencia para algo que a racionalidade cartesiana é incapaz de apreender por meios próprios.

Tomando como ponto de partida essa compreensão de para além da consciência, nessa abertura imaginária, simbólica e/ou real, e, sobretudo, com os avanços estabelecidos pelas leituras e discussões da disciplina *Mito e Imaginário nas Artes da Cena* sob responsabilidade do professor Dr. Alexandre Silva Nunes, no *Programa de Pós-Graduação Artes da Cena*, proponho nesse artigo discutir, a partir de duas dessas compreensões citadas anteriormente, as conexões com um ícone do mundo antigo. Trata-se do deus Pã, que em suas aparições carrega sempre um significante de pluralidade que nunca se esgota, e por isso, a ideia de analisá-lo não apenas sobre um único prisma, mas abordá-lo por pelo menos duas concepções (limitação essa imposta pela brevidade do trabalho).

Nesse trabalho alinhavo o percurso em três etapas. Num primeiro momento estabeleci

com a ajuda de Carl Jung, Gilbert Durand, James Hillman e Rafael López-Pedraza a compreensão dos conceitos de Inconsciente coletivo, arquétipo e da dimensão mítica da interpretação pela Psicologia Analítica e Arquetípica do mito sobre Pã. Seguindo-se a este, entram em cena Sigmund Freud e Jacques Lacan apresentando dentro da perspectiva psicanalítica as possibilidades de articulação a partir Pã e o inconsciente. Encerrado o percurso teórico, concluo o texto com uma breve descrição acerca da experimentação performativa evocada pelo estudo de Pã, *Então eu acordo* (FERREIRA, 2020), apresentando algumas relações que estabeleço com as noções que com os autores anteriormente mencionados articulo.

O GRANDE DEUS PÃ

É de comum acordo para vários autores, como López-Pedraza (1999) e Hillman (2013), que seja atribuída a paternidade de Pã a Hermes, afinal, o décimo novo hino homérico é destinado a Pã, filho de Hermes.

No entanto, o mitólogo Karl Kerényi (1996) aponta para a existência de vários Pãs além do filho de Hermes: o que ajudou Zeus contra os Titãs, ou contra Tífon; o Filho de Zeus com Calisto; e o filho de Cronos (estes dois últimos apresentados por Ésquilo). Kerényi (1996) acrescenta a possibilidade de que cada linhagem divina, na Grécia Antiga, possa ter tido o seu próprio Pã. Apesar desses pequenos relatos, é sobre o filho de Hermes que recai as mais rememoradas histórias.

Kerényi inicia a narrativa sobre Pã atribuindo a ele o título de “o grande deus fálico dos habitantes do Peloponeso” (1996, p. 138). Relata que seu surgimento vem da relação de Hermes com a “Ninfa de Dríops” do período que pastoreava o rebanho de um amo mortal. Tendo realizado seu desejo, dele surgiu uma criança de rosto selvagem e peludo. Rejeitado pela mãe, Pã é levado por seu pai (Hermes) ao Olimpo, onde em sua apresentação perante os outros deuses, provocou uma comoção de modo a agradar a todos (e em especial a Dionísio).

O termo *pan* apresenta uma ressonância no ocidente com a representação de *todos*. Kerényi (1996) afirma que daí vem o seu nome, porque “todos” (em se tratando dos deuses) se agradaram dele.

No décimo nono hino, dos *Hinos Homéricos*, de organização de Wilson Alves Ribeiro Jr (2010), Pã é apresentado em sua conexão com a natureza, e com uma liberdade selvagem, mas também é associado aos lugares isolados da natureza.

Fala-me, Musa, do querido filho de Hermes, de pés de bode, dois chifres, amante do ruído e que, pelos campos cheio de árvores, anda para lá e para cá com as ninfas habituadas a dançar, que pisam o alto da rocha escarpada invocando Pã, o deus pastor de cabeleira brilhante e descuidada, a quem foram destinados os picos cobertos de neve, o cume das montanhas e os caminhos pedregosos (RIBEIRO JR, 2010, p. 498).

Além de sua personalidade selvagem e livre, outra característica marcante no deus pastor diz respeito a estar constantemente em companhia das ninfas, assim como sua potência representada pelo doce som que provém de sua flauta e que as aves do céu não poderiam ultrapassar.

O INCONSCIENTE COLETIVO E A MITOLOGIA

Apesar de iniciar seu percurso nos caminhos do inconsciente juntamente a Freud, Carl Jung se desprende desse primeiro e funda com essa liberdade conquistada a sua própria noção de inconsciente.

A formulação de Inconsciente Coletivo em Jung (2000) aborda o campo que se localiza por detrás da fina camada de ordem individual, que é o inconsciente pessoal, e que, ao contrário de ter suas raízes na experiência vivida pelo indivíduo, é constituído por uma natureza mais universal.

Para Jung (2000), a vida psíquica se apresenta numa relação constante entre o inconsciente pessoal e o coletivo, assim como seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são nomeados de *complexos*, enquanto os do inconsciente coletivo são os *arquétipos*.

Os complexos dizem respeito à organização de certas imagens que se sedimentam no indivíduo. Nas palavras do autor “são complexos de vivência que sobreveem aos indivíduos como destino e seus efeitos são sentidos em nossa vida mais pessoal” (JUNG, 2000, p. 39).

Já o arquétipo, para Jung, “representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta” (JUNG, 2000, p. 17). E dessa maneira, encontra uma estreita correlação aos mitos e contos de fadas, uma vez que “os mitos são, antes de mais nada, manifestações da essência da alma” (JUNG, 2000, p. 17).

Para entender de onde Jung parte para se chegar a essa formulação é preciso compreender a fé que o autor deposita sobre o indivíduo. Em sua concepção, o indivíduo ao longo da vida passa por diversos processos de repressão, o que acaba gerando sintomas que causam algum sofrimento e provocam desequilíbrio entre seu mundo interno e externo.

Para que o indivíduo alcance o equilíbrio é necessário compreender simbolicamente seus complexos e as conexões dessas imagens pessoais com as imagens universais do inconsciente coletivo.

A possibilidade compreensiva se dá por meio do símbolo, que o antropólogo Gilbert Durand define, se valendo das ideais de Jung, como sendo

multívoco (senão equívoco); conseqüentemente, o símbolo não pode ser assemelhado a um efeito que se reduziria a uma 'causa' única. O símbolo remete a alguma coisa, mas não se reduz a uma única coisa. Em outras

palavras, 'o conteúdo imaginário do impulso pode ser interpretado... redutivamente, ou seja, *semioticamente*, como a própria representação do impulso ou, *simbolicamente*, como sentido espiritual do instinto natural'. (DURAND, 1988, p. 60).

No entanto, para que ocorra o equilíbrio na vida do indivíduo, não basta tomar o símbolo e analisá-lo procurando uma explicação cosmogônica, afinal, para Durand, o símbolo “não é uma coisa analisável mas, segundo uma expressão cara a Cassirer, uma *fisionomia*, ou seja, uma espécie de modelagem global, expressiva, viva das coisas mortas e inertes” (DURAND, 1988, p. 58).

Para Durand (1988) é preciso compreender que esse fenômeno não consegue ser apreendido em sua inteireza pela consciência humana, uma vez que o símbolo nunca pode ser encarado com um objeto morto, mas objetificado, ou seja, tornado um objeto dada a limitação da própria consciência humana. Durand ainda menciona que essa impotência constitutiva permite ao homem atribuir sentido, a isso que a ele é inelutável, e representá-lo.

O símbolo, na visão junguiana, sempre deve ser visto, nessa perspectiva, como uma expressão que, sendo viva, diz respeito a uma variedade de ambigüidades manifestadas repetidamente e que contém em si um sentido transcendental. O sentido transcendental vê-se aqui atrelado às idéias que Jung apresenta quanto aos arquétipos. E nessa possibilidade transcendental da relação arquétipo-símbolo que emerge a criação simbólica.

PÃ E SEUS SÍMBOLOS

Na perspectiva arquetípica-simbólica o deus Pã apresenta inúmeros símbolos, os quais permite a James Hillman a publicação de seu livro *Pã e o Pesadelo* (2013), onde o autor analisa vários desses símbolos à luz da Psicologia Analítica Arquetípica. Rafael López-Pedraza, em seu livro *Hermes e seus Filhos* (1999) também aponta inúmeros desses símbolos. Limitarei a seguir na síntese de alguns símbolos que me são mais caros e me lança na simbolização do processo criativo.

É importante destacar duas das direções que se encaminham esses símbolos: a natureza selvagem, sexual, escura da vida de Pã; e a natureza de ocultamento, repressão, “diabólica” da morte de Pã.

Hillman e López-Pedraza trabalham muito bem essas duas dimensões e abordam vários aspectos de ambas as naturezas. No entanto, é López-Pedraza quem se detem mais no anúncio de Plutarco em que Pã esteja morto.

Na síntese dos símbolos da vida de Pã, é inegável a presença de certo aspecto animal. Da impossibilidade de contê-lo. Pã, na descrição de Homero vive correndo pelos campos ora aqui, ora acolá. Hillman (2013) o coloca como tendo uma natureza satírica, caprina e (aqui concorda, indubitavelmente, López-Pedraza (1999)) fálica. Dessa pontuação

que Hillman faz, é possível destacar com facilidade o símbolo sexual que Pã representa. Sexual por suas relações com as ninfas beirando à ideia de estupro. Sexual por sua relação masturbatória com sua flauta. Sexual em suas características mais instintivas e naturais.

Já os símbolos referentes à morte de Pã estabelecem grande relação com a ideia de repressão, tomando o que López-Pedraza destaca com a localização da morte de Pã no mesmo período de ascensão do cristianismo. Da mudança de um deus pleno em si mesmo, para um deus representante de outro. Representante do Pai.

Além dos símbolos localizados na relação da vida ou da morte de Pã, há símbolos que se relacionam com as duas situações, ou melhor, no entrelugar das duas condições. Tem-se em Pã, aspectos do irreal, por não se firmar na figura humana, tampouco na figura animal. Pã está no meio, entre um e outro. Pã ocupa o mesmo lugar do sonho, como esse episódio que mescla consciência e inconsciência numa dança com estrutura própria. Pã tem aspectos escuros, facilitando esconder-se. O pânico se estabelece nesse campo imaginário de saber que algo espregueira, mas não ter certeza desse algo, não ter com clareza uma imagem do que causa o temor.

O INCONSCIENTE

Na concepção psicanalítica, e aqui usarei a visão freudo-lacaniana, o inconsciente é, não só aquilo que está atrás da consciência, mas, um todo que possui dinamismo próprio em seu funcionamento. É possível ler que Freud compreende que cada sujeito tenha o seu inconsciente pessoalmente. Mas Lacan vem afirmar através das palavras do próprio Freud, que o inconsciente é um todo *Outro* que possui tal posição em relação ao psiquismo do sujeito, que é este último constituído por marcas desse *Outro*.

N' *o Seminário: livro 11 os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (2008) apresenta, o que para ele é, a evolução do conceito de Inconsciente a partir das novas possibilidades de articulação do saber psicanalítico. Esse avanço, o próprio Lacan comenta que, é mais acessível em seu tempo do que no tempo de Freud, em função das concepções científicas que ganharam força em menos de meio século como a Linguística, a Antropologia entre outras.

Lacan parte do princípio de que o Inconsciente é estruturado como linguagem. No entanto, como tendo um funcionamento próprio, ao contrário do Signo lingüístico de Fernand de Saussure, o que se manifesta do inconsciente apenas se apresenta como um encadeamento de significantes. Onde para Saussure havia s (significante) sobre S (significado), resta do inconsciente, um encadeamento infinito de ss (significantes).

Essa ideia de cadeia de significantes, Lacan extrai do texto freudiano *Projeto para uma Psicologia Científica* (1996) onde Freud defende o material do inconsciente como *Vorstellungrepräsentanz* (Representante da representação), ou seja, o que há é o representante da representação, e não a própria representação, que apenas surge no

imaginário como fantasia.

É importante compreender que os registros Imaginário, Simbólico e Real em Psicanálise possuem uma apreensão muito própria. A grosso modo, pois essa própria diferenciação já seria material para todo um livro, o registro do Imaginário diz respeito ao campo das imagens, o Simbólico, à linguagem e o Real diz daquilo que escapa à linguagem e se manifesta apenas como manchas no discurso, e que na mesma medida em que aparece, também são recalcados para o sujeito.

Em 1964, Lacan esboça sua definição de Inconsciente como hiância, como essa abertura que tão logo se abre, se vê fechada, e essa definição não se encontra separada da ideia de sujeito, como uma organização em torno dessa hiância. Esboça como a relação imaginária e simbólica estabelecida com isso que está atrás do véu, que está no espaço do *não nascido* que é o real.

Se temos em Freud uma clínica do simbólico, onde o principal objetivo poderia ser encontrado em investigar e reconhecer na história pessoal os pontos centrais do surgimento dos sintomas, em Lacan encontramos a clínica do real. Dizer de uma clínica do real é defrontar o sujeito diante dessa experiência de encontro com o inominável e articular no nível do significante a possibilidade de transformar esse encontro que sempre falha em outra coisa. A respeito da situação analítica Miller (1987) afirma

Pensou que o que mais dizia, o que mais sentido tinha para o sujeito, eram precisamente os momentos em que seu discurso podia desfalecer, desfazer-se, cair, e onde algo podia ser um erro, uma falta, um esquecimento; restabeleceu a positividade desse negativo. (MILLER, p. 35, 1987).

Aqui Miller articula a clínica do real como tendo essa capacidade de positivar o que aparece como falho, uma vez que ao tentar capturar o real, o mesmo escapa, e explicita o equívoco do malfadado encontro.

Nessa perspectiva, o símbolo não nos serve enquanto símbolo por si mesmo, pois existem apenas traços de cadeias significantes. E desses símbolos da arte, da cultura emerge uma possibilidade interpretativa que coloca em questão a própria operacionalização do inconsciente, e nessa compreensão algo se ilumina para o sujeito.

PÃ ILUSTRANDO O INCONSCIENTE AO SUJEITO

Em meu texto dissertativo *Arte e Psicanálise: um estudo sobre o pathos em Édipo e Hamlet* (2015) desenvolvo a ideia da contigüidade entre as produções do inconsciente naquilo que toca no sujeito e a produção cultural. Ilustro com Édipo e Hamlet o lugar do pathos como engano fundamental na construção do sujeito. Em Édipo vemos a recusa, a todo custo, em ver. Em ver que matara o pai. Em ver que casara-se com a mãe. Em ver que é o culpado a quem procura. Já Hamlet se coloca na encruzilhada da identificação com o fantasma derrotado de seu pai e com a presença de um 'pai' vencedor, que é seu tio, assassino de seu pai, e atual Rei da Dinamarca (FERREIRA, 2015).

Em Pã vemos a ilustração clara da libido, de como ela, que é da ordem do sexual e da urgência, pulsa para encontrar realização e sair a todo custo. Pã evidencia a selvageria do instinto, a selvageria do real que o simbólico não consegue captar, e por isso recalca.

É na morte de Pã anunciada por Plutarco, que se localiza a marca do humano. A marca que diferencia o homem dos outros animais. A morte de Pã localiza a civilização se impondo contra a natureza, limitando-a e apagando da consciência aquilo que ressoa como primitivo.

Em Freud encontramos a ideia de recalque originário, que diz respeito à marca primeira na construção do psiquismo humano. Para Freud isso é resultado da bipedização do homem, da perda do olfato apurado, e da periodicidade do cio. Trabalhei esse conceito no trabalho monográfico *Da complementaridade dos sexos à condição bissexual* (2011), onde aponto para a localização da virada de instinto para pulsão.

Do estar de pé, e com o olfato parcialmente 'escondido', o homem passa de uma reprodução puramente instintiva, a uma pulsional, na qual a percepção escópica exerce maior função; como também perde a periodicidade do 'cio', adquirindo certa constância quanto à necessidade sexual (FERREIRA, 2011, p. 7).

Nessa perspectiva, o processo civilizatório foi, em parte, responsável por organizar o psiquismo humano para ocultar de si mesmo essa selvageria, mesmo que ela (a selvageria) se mantenha viva em outra instância (inconsciente).

Pã vem nos ilustrar isso que está sempre no inconsciente e que escapa e nos assusta, que nos causa pânico ante a aparição. Pã se mostra nos exemplos do despertar dos sonhos quando nos aproximamos muito disso que Lacan define como da ordem do real. Quando o real aparece e nos é insuportável, o recalque age mascarando a presença disso que Pã representa.

EXPERIMENTAÇÕES (PÃ)FORMATIVA

Todo esse percurso teórico e interpretativo serviu como base para a experimentação *Então eu acordei* (2020) que consiste numa vídeoperformance despertada pela provocação de Pã, de pânico.

De início a imagem do deus bode saltou em meu imaginário para tentar articular sua selvageria com a vida cotidiana, com aquilo que não conseguimos lidar tão bem, que é a própria sexualidade.

Articulei posteriormente a possibilidade de brincar com um mistério a ser revelado, com algo mesclado às referências ao deus bode como esse ser que por trás da escuridão que apresenta de início se apresenta inteiramente dono de uma potência arrebatadora. Mas revelar essa potência arrebatadora do falo faria cair sobre si um processo de descamação de Pã, e dele não se pode esperar tal esclarecimento.

Mergulhando mais algumas vezes no *Hino Homérico à Pã* vi que trazê-lo para a vida

cotidiana seria o mais interessante. Trazê-lo para aquilo que constantemente se repete, e que constantemente ignoramos ver, seria a escolha mais ‘pânica’ possível.

Então optei por evocá-lo numa sessão analítica, como lugar onde falamos de nossas próprias bestialidades e nos encaramos frente a frente a esse grande *Outro* que é o Inconsciente.

Desse modo, a vídeoperformance remonta uma sessão analítica, onde o analisante relata um sonho, onde um ruído provoca imenso prazer e o sujeito decide procurar isso que lhe comove. Na busca percebe que o ruído está localizado atrás de um arbusto, mas ao chegar no arbusto e no momento em que irá descobrir o que tem a capacidade de lhe causar tanto prazer, é puxado pra realidade, por meio do despertar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experimentação vai de encontro com a referência indireta à Pã. Pã aparece na performance como esse ruído, que desperta os desejos mais primitivos, esse desejo autoprovocado, e evidencia que o dentro e o fora do sexual estão sempre mesclados. Não porque haja complementaridade entre os corpos, mas porque o desejo que busco no outro se localiza no meu próprio.

Pã também aparece na performance na medida que se oculta, tanto por se mostrar como sonho, como algo entre a vida em vigília e para além; tanto por através do despertar antes da hora, permanecer escondido. Aqui encontramos a articulação com as idéias de sonho e recalque, pois na medida em que se aproxima do real, que é insuportável ao sujeito, este não vê outra saída a não ser recuar diante desse real por meio do processo de recalque de dissonância que poderia ser ‘visto’.

Pã aparece naquilo que não pode ser visto. Pã aparece por se esconder na performance. Na mesma medida em que escondemos de nós mesmos aquilo que nos causa assombro, que nos causa desejo, que nos causa pânico.

REFERÊNCIAS

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

FERREIRA, E.M. **Da complementaridade dos sexos à condição bissexual**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). PUC GOIÁS, Goiânia, 2011.

_____. **Arte e Psicanálise: um estudo sobre o pathos em Édipo e Hamlet**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Goiás, 2015.

_____. **Então eu acordei**. Videoperformance acessada no dia 20/11/2020 no website: <https://www.youtube.com/watch?v=VnoLs7Ebl-c>

FREUD, S. (1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HILLMAN, J. **Pã e o Pesadelo**. São Paulo: Paulus, 2013.

JUNG, C. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Perrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KERENYI, Karl. **Os heróis gregos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

LACAN, J. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LOPEZ-PEDRAZA, R. **Hermes e seus filhos**. São Paulo: Paulus, 1999.

MILLER, Jacques-Alain. **Percurso de Lacan: uma introdução**. Zahar, 1987

RIBEIRO JR, W. **Hinos Homéricos: tradução, notas e estudo**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

CAPÍTULO 2

A TEORIA DO DUPLO EM *DON JUAN* DE MOLIÈRE: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

Data de aceite: 01/09/2021

Alcione Gonçalves

Doutora em Linguística Teórica e Descritiva
Centro Federal de Educação Tecnológica de
Minas Gerais (CEFET-MG)

RESUMO: O enfoque psicanalítico, como fonte de embasamento de leitura, tem sido muito utilizado pela literatura nos dias atuais. Muitas são as suas possibilidades, entre elas o estudo da personagem, com ênfase no DUPLO. Neste ensaio, propomos uma releitura de *Don Juan*, tendo sob enfoque a Psicanálise e a Teoria do Duplo. No decorrer da trama, buscamos analisar o comportamento das personagens centrais e como suas atitudes contribuíram para o desfecho da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Teoria do Duplo; Narcisismo; Don Juan.

ABSTRACT: The psychoanalytic approach as a source of grounding in reading, has been widely used in literature today. There are many possibilities, including the study of character, with emphasis on DOUBLE. In this essay, we propose a new reading of *Don Juan*, with focus on Psychoanalysis and the Theory of Double. During the plot, we analyze the behavior of the central characters and how their actions contributed to the outcome of the narrative.

KEYWORDS: Psicanálise, Teoria do Duplo, Narcisismo, Don Juan.

1 | INTRODUÇÃO

O tema da dupla personalidade, como parte integrante de obras literárias, não é um assunto novo, embora de grande interesse e de significativa popularidade, tendo atingido seu apogeu na Alemanha, durante a Era Romântica, em meados do século XIX.

Hoje, com os recursos oferecidos pelas técnicas cinematográficas, é facilmente concedido a um autor trabalhar com o mundo complexo e até místico da duplicação da personalidade. Há uma tendência, entre os autores contemporâneos, de se estudar a problemática dualista sob o ponto de vista psicológico. Tal escolha é perfeitamente plausível, visto que a dissociação da personalidade é fruto, consciente ou inconsciente, da mente de determinado indivíduo.

O tema do duplo, ou dupla personalidade, reproduziu-se através dos séculos como reflexo ou imagem. O homem primitivo considerava a sombra como seu duplo, como um ser espiritual, porém real. Para os antigos, a sombra (personalidade invisível) acompanhava o indivíduo até a morte e sua perda em vida era o mesmo que olvidar a própria identidade. Essa sombra representava o *duplo invisível*. O seu conceito, visto primitivamente como sombra, evoluiu para o de alma, cuja distinção era feita entre “uma alma viva, e uma dos mortos, que aparecia somente com a morte e continuava a

vida no Além” (RANK, 1939, p.142).

O conceito de alma progressivamente passou a assemelhar-se, o quanto possível, ao da personalidade, deixando de ser simplesmente reflexo para transformar-se em um duplo real, ao ponto de tornar-se independente, combatendo a verdadeira personalidade em todas as ocasiões, especialmente, nas situações amorosas.

Nas religiões primitivas, era comum a crença em uma alma mortal, representada pelo diabo, e uma imortal, simbolizando Deus, permitindo o surgimento de um *duplo antagônico*, personificando o bem e o mal.

Verificamos que sua terminologia passou por vários estágios. Para os primitivos, era a própria personalidade, garantindo sobrevivência futura; mais tarde, passaria a representar uma personalidade anterior, identificando-se com a juventude do indivíduo e, finalmente, tornou-se uma personalidade oposta, rejeitando a existente.

O duplo que, em determinado momento, passou a representar o anjo guardião, zeloso pela imortalidade do homem, transformou-se no anjo mau, perseguindo e atormentando a consciência como um anunciador da morte.

A essa mania de perseguição, associa-se o pavor que a ideia de solidão provoca, apresentando-se sob a forma concreta de um incômodo intruso. Muitos autores já retrataram uma profunda melancolia perante o isolamento e constantes alucinações no que concerne à problemática dualista. Dentre eles Musset, Maupassant, Edgar Alan Poe, Dostoiévsky e vários outros que trabalharam com o tema da dupla personalidade.

O surgimento da dupla personalidade decorre de um desdobramento, devido à incapacidade de vinculação do homem com seu próximo. A não aceitação de outrem faz com que este duplo possibilite a aniquilação de sentimentos próprios, convertendo esse outro em alguém necessário para nós – daí o surgimento do narcisismo.

Não podemos admitir que seja por mero acaso, na mitologia grega ou em outra parte, que o significado mortal do Duplo esteja intimamente ligado ao narcisismo, porquanto sabemos que a ideia da Dupla Personalidade (sob todos e quaisquer pontos de vista) se originou completamente do amor à própria personalidade (RANK, 1939, p. 124).

Reiteradamente, o narcisista, na busca de sua transcendência, vincula-se a dois meios de comunicação: seu diário e o romance autobiográfico. No entanto, é na imagem do espelho que ele encontra sua verdadeira identidade. O espelho é, para o narcisista, a projeção do eu, ou seja, a reafirmação de todos os atributos externos e internos que ele próprio convenceu-se de possuí-los. Tal comportamento reflete inevitavelmente nas relações interpessoais. Todo e qualquer indivíduo que apresente um narcisismo secundário (patológico) buscará nas ligações pessoais o seu duplo. O outro será importante à proporção que se apresente como objeto de duplicação.

O fundamento do narcisismo tem como condicionante a necessidade indefinida de encontrar, entre os parceiros, um outro que seja o mesmo. O outro não lhe interessa senão à medida que o repete tal qual é, tal se pensa

ser, tal valeria ficar. O mito de Narciso se vincula à negação da transcendência do outro. Quando beija é a si mesmo que o faz. Assim sendo, se ele nega o *outro*, jamais verá e/ou ouvirá outra pessoa além de ele *mesmo* (XAVIER, 1989, p.12) (Grifos do autor).

Certificando-nos da relação entre o narcisismo e o duplo, no seu sentido mais amplo, faz-se de fundamental importância analisarmos, mais detalhadamente, o inconsciente e, às vezes, o insaciável desejo de duplicação o qual corresponde, em muitos casos, à estrutura da personalidade narcisista.

Mas, antes que possamos entender essa interdependência, é necessário tomarmos conhecimento da formação de uma mente narcisista, como ela se manifesta perante o mundo externo e quais suas habilidades e artimanhas para incorporar o mundo real em seu espaço psíquico.

O campo narcisista constitui-se basicamente de um sistema de “preferências” ou de “menosprezo”:

Se Narciso pôde apaixonar-se por sua imagem, foi por vê-la como a mais formosa, por preferi-la a todas as outras que a rodeavam [...]. Por isso, o sistema narcisista, e é sempre um sistema, exige pelo menos três elementos: o que escolhe e dois que possam ser comparados (BLEICHMAR, 1985, p.11).

Ao estudarmos uma personalidade narcisista, observamos que seu culto nasce de um excessivo amor próprio, em muitas ocasiões, manifestado por psiconeuroses. As razões que levam um indivíduo a comportamento similar são inúmeras. Dentre elas, o medo da morte e do envelhecimento são as mais conhecidas, nem por isso menos complexas. O narcisista, aterrorizado pela ideia da decrepitude, tenta situar-se de forma a tornar-se intemporal:

É [...] a busca da eterna juventude, no mito da intemporalidade que é um escapar ao tempo. [...] É a maneira mais suave de facear o envelhecimento ou de renascer na esperança mítica do eterno retorno (XAVIER, 1989, p.13).

Desencadeador de uma constante luta contra o tempo, o narcisista foge de tudo e de todos que o obriguem a viver subjugado às leis a que todos nós, seres humanos, estamos sujeitos: às leis do envelhecimento corporal, anunciadoras da morte.

No que tange ao convívio social, ele é incapaz de envolver-se emocionalmente em qualquer relacionamento. Uma partilha implicaria perda de tempo, uma vez que vive na eterna busca de seu *duplo idêntico*.

Embora o narcisista possa funcionar no mundo cotidiano e, com frequência, encantar outras pessoas (não menos que com a pseudopercepção interna de sua própria personalidade), a desvalorização de outros, junto à falta de curiosidade a respeito deles, empobrece sua vida pessoal e reforça a experiência subjetiva de vazio. Faltando-lhe qualquer compromisso intelectual real com o mundo (não obstante uma estimativa frequentemente inflacionada de suas próprias capacidades intelectuais), ele possui pouca capacidade de sublimação. Depende, conseqüentemente, dos outros para constantes

injeções de aprovação e admiração. Ele precisa ligar [-se] a alguém, vivendo [uma existência] quase parasita. Ao mesmo tempo, seu medo de dependência emocional, junto à sua abordagem exploradora, manipuladora, das relações pessoais, tornam essas relações amenas, superficiais e profundamente insatisfatórias. 'A relação ideal para mim seria um relacionamento de dois meses', disse um paciente fronteiro. 'Assim não haveria compromisso. Ao final de dois meses, eu simplesmente me separaria' (LASCH, 1983, p.64-65).

Incapaz de ter um parceiro que o lembre da existência de uma sucessão temporal, o narcisista busca o descompromisso e o não envolvimento afetivo, uma vez que a fidelidade de um amor assegura a continuidade do tempo. Amores inquietos e múltiplos parecem liberá-lo do tempo, transmitindo a ideia de descontinuidade. O mito da intemporalidade é, certamente, gêmeo do narcisismo que conduz ao duplo.

O homem narcisista é incapaz de unir-se a alguém, a não ser a si próprio, buscando em suas relações algo que o reproduza. Como lhe é impossível encontrar um outro apto a duplicá-lo em sua totalidade, vive inúmeros romances, todos impreterivelmente fracassados. O narcisista é alguém que exige demasiadamente de seus parceiros, mas, em hipótese alguma, permite que tais cobranças lhe sejam feitas.

Inconstante no amor, vive em permanente desilusão, não se considerando, obviamente, inepto para amar, vendo os demais seres humanos como incapazes de corresponderem a seus anseios. Não raras vezes, admira algum "herói" ou "indivíduo destacado", deferindo-se como parte integrante dessa pessoa. Na verdade, o ser a quem idolatra é visto como mera extensão de si mesmo. Quando o "herói" não corresponde às suas expectativas, ele parte para um novo ídolo, às vezes, com ódio e/ou amor. O narcisista é incapaz de ver outra pessoa como um "ser superior", possuidor de atributos que talvez ele não seja dotado dos mesmos. Ao contrário, somente idolatra alguém em vista de que o ser admirado apresenta-se à sua imagem e semelhança, ou seja, o seu *duplo idêntico*.

Embora siga as normas impostas pela sociedade, talvez pelo medo de repreensões, em várias circunstâncias, considera-se um "fora da lei" e vê os outros com a mesma ótica: "como basicamente desonestos e pouco confiáveis, ou somente confiáveis por causa de pressões externas" (LASCH, 1983, p.77). Apresentando acentuada misantropia, vive numa defesa latente contra a dependência. Uma misantropia, porém, às avessas, já que busca o convívio social apenas com indivíduos capazes de duplicá-lo. Em sua ótica, a sociedade divide-se em dois grupos: "os ricos, grandes e famosos, de um lado, e o rebanho comum, do outro" (LASCH, 1993, p.115). Evidentemente, teme fazer parte do grupo dos que considera "mediócras".

A independência pessoal, que a todo instante tenta reafirmar, não passa de uma constante aprovação a ser feita pelo seu ego no intuito de validar sua autoestima. Livre de qualquer dever social, ele se proclama onipotente, soberano de seus atos e principalmente de seus impulsos. Para o narcisista, não há nada pior do que se sentir preso às paixões e aos arrebatamentos.

Isolando-se, ele busca a não identificação com os mais jovens, por estes trazerem a seu consciente a realidade de uma continuidade de gerações, como se as gerações mais novas “enfraquecessem” a posição social dos que não são tão jovens. Em contrapartida, opõe-se aos mais velhos por estes lhe mostrarem que o envelhecimento é um processo inevitável.

Embora não se identifique com os demais seres humanos, o narcisista almeja um alto posto e, em muitas circunstâncias, busca a celebridade. Essas pessoas exibem de forma exagerada a obsessão predominante pela celebridade e uma determinação de consegui-la mesmo à custa de auto-interesses racionais e da segurança pessoal. Ligado à busca da notoriedade, encontramos uma outra forma mais relevante de assumir uma posição de destaque que se manifesta no exibicionismo. Evidentemente, o sucesso narcisista está centrado em nada mais substancial do que num desejo de ser amplamente admirado, não por suas realizações, mas por si próprio, acriticamente e sem reservas.

Outro fator que não podemos deixar de aludir é sobre a formação dessas personalidades egoicas, no âmbito familiar, quando o indivíduo está sujeito às pressões psicológicas impostas por seus progenitores. Em um lar onde os pais, narcisistas patológicos, vivenciam uma série de frustrações, no tocante aos seus desejos, o que podemos denominar de *colapso narcisista*, seus filhos são criados de forma obsessiva, visto apresentarem-se como objeto de projeção. Esse aspecto é identificado nas situações em que os pais veem o filho como extensão de si mesmos. É o processo de *introjeção* ou *identificação*. Um indivíduo, cuja personalidade foi moldada dentro de tais circunstâncias, apresentará provavelmente um comportamento narcisista, visto que, desde a infância, tornou-se o centro das atenções.

Em nossa sociedade capitalista e, acima de tudo, consumista, torna-se substancialmente mais complexo fazer uma análise das reais causas do narcisismo uma vez que vivemos em um meio em que a publicidade encoraja todos “a ver a criação do eu como a forma mais alta de criatividade” (LASCH, 1983, p. 124).

Buscando chegar a uma deliberação entre Duplo *versus* Narcisismo, é necessário enfatizar que as superstições e os costumes concernentes ao duplo fundamentam-se nas mesmas bases do narcisismo: o temor da morte e do envelhecimento. Podemos interar que, nesse sentido, a garantia da imortalidade fundamenta-se por meio do duplo. Uma vez que o narcisista busca projetar-se, ele está procurando, paralelamente, o seu duplo *idêntico* e *complementar*. Idêntico, por reproduzi-lo integralmente, e complementar, por satisfazer sua constante necessidade de aprovação.

2 | O DUPLO EM DON JUAN

Em *Don Juan*, encontramos o insaciável sedutor de mulheres, personificando, muitas vezes, o diabo, representando a encarnação perfeita da ausência de honradez, de expiação

e de arrependimentos. É em seu comparsa e criado onde se aloja todo o discernimento e todos os escrúpulos de consciência. Em situações de desavenças, é o “pai psicológico”, Leporello, que assume o lugar do filho inconsequente. Isso nos explica porque Leporello, por vezes como verdadeiro *doublé* de seu amo, o substitui, sobretudo quando se trata de uma mulher. Há entre ambos, evidentemente, uma estreita relação de interdependência psicológica. A fusão desses dois caracteres se constituiria, por excelência, em uma única personalidade.

Leporello, quase tão conhecido quanto seu senhor, é, sem dúvida alguma, a peça fundamental na complementação do jogo de seduções em que vive o herói.

Esse criado que é, sobretudo, seu amigo e confidente em todas as aventuras de amor, não é um companheiro voluntário e um comparsa, e sim um doméstico indolente, tímido, cuidando apenas de seus próprios interesses. Na sua qualidade de companheiro e confidente, ele se permite críticas inadmissíveis. ('A vida que levais é de um vadio', ato 1º, cena V). Ele pede e recebe *in natura* uma parte da presa feita pelo seu senhor. Como criado, procura evitar todo perigo, recusa trabalhar, e completando o exemplo do mau doméstico, não permanece no serviço se não ameaçado ou pago. Nos festins, furta os melhores bocados. Pode-se dizer: tal amo, tal servo, mesmo porque Don Juan permite essas liberdades porque dele necessita a cada momento (RANK, 1939, p.21-2).

Uma das inúmeras passagens em que o criado substitui Don Juan é na famosa cena do registro, quando Dona Elvira exige algumas explicações ao herói. Este foge e deixa essa incumbência a seu servo que, imediatamente, lê a lista das mil e três mulheres conquistadas e abandonadas por seu senhor.

Poderíamos argumentar, em outras palavras, que o criado é o herói negativo, ou mesmo, o “bode expiatório” das aventuras de um sedutor que não acredita nem em Deus, nem no diabo. Leporello constituiria, por assim dizer, um caso de técnica ligado ao desenvolvimento do caráter do herói.

Para compreendermos essa interdependência psicológica entre senhor e servo, devemos analisar que existe uma estreita relação psíquica entre a dupla personalidade e o caráter do herói. Don Juan vive em um eterno conflito entre o seu *Eu individual*, que não admite nenhuma censura, e o *Eu social*, representado por Leporello. Há, na maioria das versões de *Don Juan*, um outro *Eu social*, personificado no Comendador que é injuriado e assassinado pelo protagonista. Este espectro reaparece em todos os episódios da vida do conquistador em que é preciso lhe mostrar que existe uma consciência e que se faz necessário frear os impulsos. Se não é para alertar o herói, é para anunciar-lhe sua morte no próximo dia.

Lembremo-nos de que Don Juan, a todo instante, desafia as leis naturais da vida. Ele subestima tudo e todos e não pensa que o desgaste do tempo irá afetá-lo. A vida do herói mostra-nos que ele parece ter superestimado seu próprio valor de homem livre, sem respeito às conveniências, acreditando ser superior não apenas às leis humanas, mas a

todas as instituições divinas.

Retornando à ideia da consciência, observamos que existe um grande potencial místico e religioso em torno das aparições do Comendador. Vale lembrar que a ideia da morte vir buscar o vivente é tão antiga quanto a história da humanidade. O homem sempre manifestou temores aos demônios mortuários. Existe em Don Juan, outra dualidade que se resume no desfrute dos prazeres carnavais e na ameaça da finitude corporal. E é por isso que as aparições do espectro do Comendador trazem em si uma grande carga emocional. O herói desafia a morte, mas a teme, interiormente, mais do que tudo.

Por que este medo da morte é tão acentuado em Don Juan?

Existe, evidentemente, todo um sentimento de culpabilidade e um receio de ser castigado. Há um pavor inconsciente de que a morte, como espírito, venha se vingar e mostrar todas as falhas praticadas em vida. Há uma crença primitiva, mas que ainda persiste em muitos, que um “homem morto”, por meios sobrenaturais, consiga obter resultados satisfatórios no que concerne à influência sobre nossas vidas. E é por esse motivo que o retorno dele, quando para vingar-se de seu assassino, é causa de pânico para o acusado. É o que poderíamos denominar “morto vingador”. Em *Don Juan*, essa passagem dá-se no momento em que o Comendador aparece ao herói e o convida a entrar na “capela funerária”. Ele aceita, porém não mais retorna. O que se pode identificar é que há na obra toda uma crença na alma, sobretudo na intervenção do diabo.

Como fantasma, o Comendador representa o diabo que vem ao encontro de todos aqueles que desafiam a morte. O medo a essas aparições não é nada mais do que o temor à consciência que aparece sob a forma de um demônio e que nos chama à luz da razão. O protagonista nega sua consciência por meio de uma total onipotência sobre seus atos. Ele se considera um “amante-deus”, superior aos demais mortais.

A imponência da personagem de Don Juan consiste no seu repúdio a toda aspiração de heroísmo. Ele não suprime os homens para poder possuir as mulheres, mas reivindica as mulheres como um direito a que se atribui, e não tem escrúpulos em suprimir os obstáculos aos seus desejos. Essa desenvoltura o preserva da identificação com um criminoso vulgar. Ele não tem necessidade de matar um homem para conquistar sua mulher, porque, por sua própria natureza, não pode ter rivais no amor. Quando não pode vencer pela força da sua personalidade, recorre, então, ao ardis ou à força (RANK, 1939, p. 65).

E é por isso que, para Don Juan, a mulher deve ter um amante legítimo, sem o qual não terá atrativos. Somente dessa forma, ele poderá demonstrar seus dotes de um perfeito sedutor. Esse amante legítimo é, também, uma dupla personalidade de Don Juan, assim como Leporello. Há no caráter do herói uma antiga crença que o identifica ao “totem animador”, deus que tem o poder de fecundar a todas as mulheres e ainda de doar um pouco de sua alma.

Essa atitude perante as mulheres é vista pela ideologia cristã como “um ato de

volúpia diabólica”. É a ideia do pecado mortal. É o descompromisso com a união eterna e a desvalorização dos laços matrimoniais que o torna aos olhos cristãos um “sexual cínico”. Em algumas obras, ele retrata nitidamente uma personalidade diabólica.

Don Juan personifica essa personalidade diabólica no que para nós se refere à manifestação dos instintos, nos impulsos animalizados, sobretudo na sexualidade e na conquista irrefreada das mulheres. Evidenciamos que a personagem retrata, simultaneamente, duas filosofias: a cristã e a heróica. Externamente, é a representação de uma ideologia heróica em que conquistar as mulheres de outros homens é, simplesmente, reivindicar um direito próprio. E, interiormente, figura a filosofia cristã que teme a purgação no inferno.

Em meio a esse jogo de seduções, onde se situa a mulher? A princípio, seu papel era eminentemente passivo. Porém, em muitas versões, é ela que se vinga do herói, substituindo todos os demais duplos de Don Juan (Leporello, Comendador, amante legítimo) para impor-lhe limites.

Geralmente, é a primeira mulher, conquistada pelo herói, que retorna ao fim da narrativa, cobrando-lhe o assassinato de um outro homem, normalmente o pai da jovem, ou mesmo alguma promessa do conquistador no tocante ao enlace dos amantes. É uma nova mulher que deixa de viver sob o jugo dos homens e de ser meramente um objeto de prazeres sexuais.

Don Juan pode ser considerado, até certo ponto, como um emancipador dessas personagens. Não como um herói que rapta a mocinha das mãos do vilão e a guarda somente para si, mas no sentido em que permite, apenas, emancipá-la em sua plenitude. “É antes de mais nada um instrumento sem vontade entre as mãos da mulher que conquistou sua liberdade, rompendo os elos de uma superstição sexual, servindo-se, para isso, do homem” (RANK, 1939, p.77).

Na tradição espanhola, o herói rapta Dona Elvira do convento e a esposa. É ela que, durante toda a narrativa, aparece ao sedutor e o induz a renunciar aos seus vícios, transformando-se na dupla personalidade, no anjo guardião do herói. Lembremo-nos de que Don Juan foi abandonado por sua mãe na infância e viveu tratando outras mulheres exatamente como ela o fez, amando-as e depois abandonando-as.

Entre as várias análises psicanalíticas referentes à personalidade desse eterno sedutor, encontramos a de Menninger (1970) que diz respeito às “pessoas homossexuais inconscientes”, como Don Juan, “que andam pelo mundo com listas de Leporello para provar como são heterossexuais potentes como que para negar o segredo que seu inconsciente lhes sussurra” (MENNINGER, 1970, p. 305).

Ao analisarmos a vida de Don Juan, constatamos que esta personagem nos entregou um brilhante e minucioso compêndio de condutas psicopatológicas, em que o amor a si mesmo, o desprezo pelo outro e a busca incessante pelo prazer tornaram-se temáticas centrais nas narrativas deste “eterno” sedutor.

Nosso objetivo aqui, portanto, foi condensar, textualmente, o fenômeno do Duplo de forma clara e objetiva, buscando facilitar sua futura identificação em outras obras, levando-se em consideração as inovações do conceito de leitura trazidas pela teoria psicanalítica, permitindo alargar o campo polissêmico e despontar para novos pontos de vista na área literária.

REFERÊNCIAS

ABRAMS, Douglas. *O diário perdido de Don Juan*. São Paulo: Objetiva, 1969.

BLEICHMAR, Hugo. *O narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Tradução de Emília de Oliveira Diehl e Paulo Flávio Ledur. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

KALINA, Eduardo & KOVADLOFF, Santiago. *O dualismo*. Tradução de Oswaldo Amaral. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperança em declínio*. Tradução de Ernani Paranelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MENNINGER, Karl. *Eros e Tânatos: o homem contra si próprio*. Tradução de Aydano Arruda. São Paulo: Imbrasa, 1970.

MOLIÈRE, (JBP). *Don Juan*. Tradução de Celina Diaféria. São Paulo: Hedra, 2005.

RANK, Otto. *O duplo*. Tradução de Mary B. Lee. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília, 1939.

RANK, Otto. *A figura de Don Juan na tradição*. Tradução de Aurélio Pinheiro. Rio de Janeiro, Machado e Ninitch, 1934.

ROGERS, Robert. *A psychoanalytic study of the double in literature*. Detroit: Wayne State University Press, 1970.

SOARES, Luiz Eduardo. *O autor e seu duplo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

XAVIER, Maurício. *Ser e não ser. Fragmentos da Teoria do Duplo*. Rio: PUC, 1989. Tese de doutoramento.

CAPÍTULO 3

JORGE MARTINS: A SUA INTROJEÇÃO COM A PROJEÇÃO DE SEUS DESENHOS

Data de aceite: 01/09/2021

Data de submissão: 05/07/2021

Luís Filipe Salgado Pereira Rodrigues

Faculdade de Artes e Letras da Universidade
da Beira Interior
Unidade de I&D LabCom – Comunicação e
Artes Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-7288-5288>

RESUMO: Apresenta-se aqui uma análise apodítica dos desenhos de Jorge Martins. Inferimos que eles são representações dos indícios do inconsciente. Por sua vez, a projeção deste, relacionada subliminarmente com o consciente, parece estimular a necessidade de expressão quando sinta que, numa introjeção, melhor possa conhecer o seu (in)consciente. Sugerimos, então, que Jorge Martins explora esta interrelação “eu(inconsciente) – representação-do-eu (consciente)” quando o desenho se torne a interface objetiva que o conduza à reconciliação subjetiva eu-eu.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho, introjeção, projeção, subjetivação, des-subjetivação.

JORGE MARTINS: HIS INTROJECTION THROUGH HIS DRAWING'S PROJECTION

ABSTRACT: Here is an apodictic analysis of Jorge Martins' drawings. We infer that they are representations of the suggestions of the unconsciousness. In turn, the projection of this, subliminally related to the conscious, seems to stimulate the need for expression when he feels that, in an introjection, better be able to know his (un)conscious. We suggest, then, that Jorge Martins explores this interrelationship “I (unconscious) – representation - of - me (conscious)” when the drawing becomes the objective interface that leads him to subjective reconciliation me-myself.

KEYWORDS: Drawing, introjection, projection, subjectivation, des-subjectivation.

1 | INTRODUÇÃO

Jorge Martins (1944) dedica-se à pintura e, também, particularmente, ao desenho. No campo do desenho, destacam-se as suas exposições no Museu de Badajoz MEICA, no Museu de Serralves, na Fundação Carmona e Costa e no Museu Pompidou.¹

Analisar-se-ão os desenhos de Jorge Martins supondo que no seu processo criativo adota uma atitude em que procura procurar,

¹ Algumas exposições de desenho a destacar: 2013 – *A Substância do Tempo* – Museu de Arte Contemporânea, Fundação de Serralves, Porto; *Dessin*, Kogan Gallery, Paris; 2008 – *Projet Dessin 2002-2007*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris; 1995 – *Drawings* – Corcoran Gallery of Art, Washington; 1989 – *Dessin*, Galerie Gilbert Brownstone & Cie, Paris; 1988 – *Desenhos 1957-1987*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; 1983 – *Jorge Martins, Preto e Branco, Desenhos* – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; 1978 – *Jorge Martins, Dessins, Ateliers Aujourd'hui*, Musée National d'Art Moderne – Centre Pompidou, Paris; 1958 – *I Salão de Desenho Contemporâneo* – Casa da Imprensa, Lisboa. (entre muitas outras exposições).

procura questões que desencadeiem outras questões. Nesta orientação indeterminada e aberta, JM, por um lado, desvia-se da tendência óbvia e lógico-dedutiva que feche um pensamento; por outro lado, procura projetar, na representação, um eu desconhecido, reprimido ou escondido. Para o efeito, não deixa que a sua expressão se condicione pela exterioridade da razão determinista de pré-conceitos socioculturais; em vez disso, procura reformular os conceitos, de si e do mundo, a partir da sua experiência criativa fundada na imergência de sua interioridade.

É através da interface do desenho, enquanto exterioridade da projeção de sua interioridade, que o artista procura a empatia pela representação da sua relação intra-subjetiva. Não se trata, pois, de desenhos que representem uma relação epidérmica que se cinja a jogos formais, mas sim que sejam uma projeção de conteúdos profundos. Sendo que estes, pela expressividade emotiva do processo, o aproximam do seu eu mais genuíno, proporcionando-lhe uma introjeção consigo próprio, renovando a empatia por si-próprio e alargando, presumivelmente, a sua autoconsciência.

2 | A PROCURA DE UMA VERDADE ONTOLÓGICA DO SER

Jorge Martins procura paradoxos, isto é, sentidos lógicos na ilógica da representação. Mais do que isso, converte a lógica da verdade objetiva (acerca do mundo exterior) na ilógica da verdade subjetiva acerca do mundo interior. Para isso, parte do exterior do interior (do pré-consciente) e imerge no interior do interior, isto é, no inconsciente.

Devemos estar cientes de que a subjetividade do inconsciente é produto da relação subjetiva da interioridade com a objetividade da exterioridade. Repare-se, diz Touraine e Khosrokhavar (2001, p. 122), “a subjetividade é a interiorização do mundo exterior”, pelo que, acrescenta, “não há subjetividade, mas um olhar sobre si, que liberta a subjetivação.” Será a partir da libertação da/pela subjetivação que o artista se aproxima do seu eu, não obstante tenha que experimentar o processo de des-subjetivação através do seu próprio olhar de fora para dentro de si.

No caso do desenho, a exterioridade da representação, pela projeção da imagem mental, permite que, através dela, eu exterior olhe para o eu interior. Com esta experiência, o intuito de JM poderá ser o de se dirigir a um sentido ontológico do eu que convirja para uma essência subjetiva individual (não categorizada socioculturalmente), no sentido de uma inversão (mas também fazendo o trajeto) da des-subjetivação recorrendo ao olhar objetivo sobre a sua subjetividade.

Na mesma ótica, entenda-se que os desenhos de JM servirão, também, para procurar ultrapassar a estagnação dos, designados, *self-schemas*, considerando que estes resultam, segundo Kaufmann (2005, p. 70), “na trajetória social da história da pessoa” e que são “o reflexo de experiências de confrontações com diversos contextos, registados sob a forma de quadro de determinação das ações futuras”, mas que, contudo, não deixarão,

segundo o autor, “de se metamorfosear, quando a ocasião se oferece, em modelos de comportamento guiando estritamente a ação.” O papel do desenho artístico será, deste modo, o de metamorfosear os *self-schemas* propiciando uma livre subjetivação expressiva, embora, passando pela des-subjetivação da respetiva conversão da imagem objetivada.

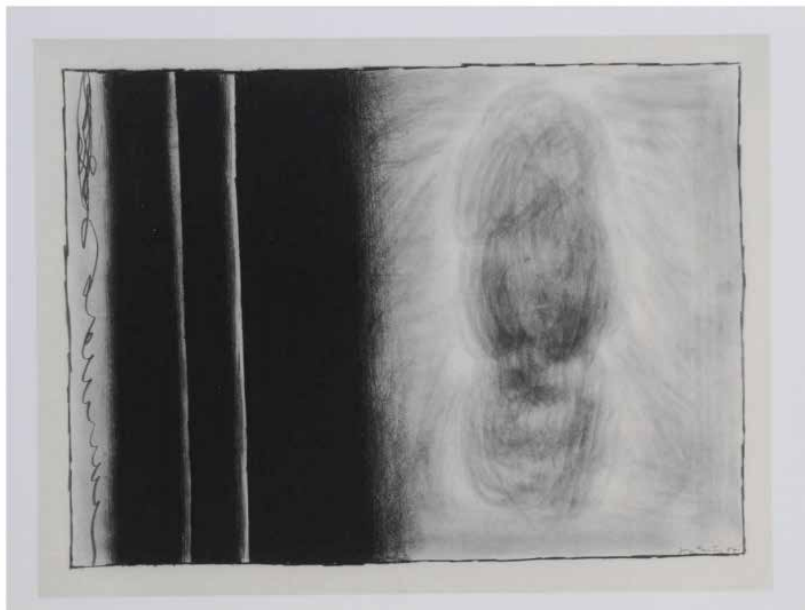


Figura 2. Jorge Martins, *Sem título*, 1987, grafite sobre papel, 56 x 76 cm.

O desenho da Figura 2 sugere-nos que o artista entra no plano da des-subjetivação pré-determinada por formas associadas a um certo abstracionismo óbvio, contudo, vislumbra-se nele a luta num dilema entre o imediatamente definível (sob a influência de *self-schemas*) e o mediatemente indefinível (sob a influência da sensibilidade). Aqui, os *self-schemas* oriundos de um inconsciente coletivo (JUNG, 1928/2009) transformam-se em conteúdos do inconsciente individual (FREUD, 1932/2001). Isto é, o que todos tendam a intuir objetiva e ortodoxamente é substituído pelo que de inédito o autor entende subjetiva e heterodoxamente.

Num sentido oposto a um entendimento pré-determinado do mundo, parece que JM pretende descobrir um sentido metafísico na subjetividade do entendimento. O que sugere inverter o sem-sentido quando avaliado sob o prisma epistémico da racionalidade universal (da des-subjetivação objetivadora). Talvez o desejo seja (re)encontrar uma Episteme da subjetividade e de seus sentidos subliminares. O que nos leva ao entendimento dos desenhos de JM como procura de uma metafísica do Ser ou, até, da ontologia do *seu* Ser.

Para abordar a ontologia do Ser, consideremos uma oposição entre a des-

subjetivação racional (consciente e sobreliminar) – em que sejamos moldados pelo exterior – e a fonte da subjetivação irracional (inconsciente e subliminar) – em que demos liberdade ao nosso interior. Apesar desta divergência, ambas constituem duas faces da mesma moeda, isto é, constituem (inseparavelmente) a essência do Eu: a que se formula na relação dialética e complementar “eu – não-eu”, “imagem mental – imagem representada”. Nesta ótica, estas realidades, que se contradizem ou divergem ao nível da natureza de sua força, na verdade, são originárias da mesma essência se à ontologia do Ser nos referirmos; elas confluem para o vórtice originário da criação.

Apesar do que se expôs, diga-se que JM, como o sugerimos, mais do que querer acalçar a resposta para o entendimento da ontologia do Ser, deseja conhecer a ontologia de seu Eu: uma flutuante conexão entre o (seu) consciente e o seu inconsciente, na experiência de sua própria história autobiográfica e das suas relações intra-subjetivas e intersubjetivas. É a partir do seu mundo intrapsíquico pela subjetivação artística, tendo como interface a projeção de seu interior no desenho (objeto extrapsíquico), através da des-subjetivação processual da materialização das imagens (de si) que o artista parece motivar-se para a projeção do seu imaginário. A partir da condição mais ou menos inquietante, a sua criação parece conduzi-lo para um reequilíbrio interior através da introjeção com a representação que projeta esse imaginário.

A introjeção significa uma adequação do objeto ao sujeito, a projeção, pelo contrário, uma distinção do objeto com respeito ao sujeito, realizada por meio de um conteúdo subjetivo transferido para o objeto. A introjeção é um processo de extravasão, porquanto para a adequação do objeto se necessita de uma empatia, um investimento ou ocupação do objeto. (cf. “Introjeção”. In: JUNG, 1921/2008, pp. 538-9, T. A.)

Repare-se no seguinte desenho (Figura 3). Este sugere que o autor representa a projeção de sua identidade num contexto imaginário de outras identidades heterónimas. Este processo, parece causar a des-subjetivação da relação eu-eu, talvez paradoxalmente, no sentido de procurar a sua identidade através do olhar de seus heterónimos. Estes são uma projeção de si com que se relaciona numa introjeção, na medida em que os mesmos lhe devolvem tacitamente um olhar mais objetivo sobre a sua subjetividade, num certo sentido, reconciliando o irreal imaginário (um profundo realismo subliminar) com a realidade materializada que lhe deu visibilidade (simbolicamente).



Figura 3. Jorge Martins, *Three to darkness*, 2004, grafite sobre papel 120 x 160 cm.

3 | O PODER DA ASSOCIAÇÃO LIVRE SIMBÓLICA ATRAVÉS DO IMAGINÁRIO

A estranheza do irrealismo dos desenhos de JM, dada a ilógica de sentidos, acontece na (ir)realidade do imaginário. A compatibilização dos sem-sentidos neste campo só se torna possível através duma associação livre simbólica com que relacione, subliminar e harmoniosamente, os conteúdos reais do consciente e os irrealis do inconsciente. Conquanto, a aproximação harmoniosa entre estes opostos colide com a pré-formulação lógico-dedutiva de um pensamento racionalizado de des-subjetivação e de intrusão do exterior sobre o interior.

Ao inverter o efeito da onipotência exterior e invasiva, a reformulação simbólica subjacente a uma abordagem onírica da arte permite imergir no que está escondido no plano interior, inacessível conscientemente, mas transformável, do interior para o exterior, através de uma subjetivação introjetiva e reordenadora. Repare--se que Ogden (2010, p. 318) associa o pensamento onírico ao pensamento transformativo e define este como sendo uma forma de pensamento “que cria uma nova maneira de ordenar a experiência que permite conceber diferentes tipos de emoções, forma de relação entre as coisas, relações objetais e qualidades anímicas previamente inimagináveis.”

Tendo em conta estas premissas, podemos intuir no desenho da Figura 4 uma re/des/contextualização de diferentes elementos com um certo caráter simbólico que não só nos confronta com a estranheza do inimaginável e onírico, como também nos inquire sobre

a relação subliminar entre objetos e qualidades anímicas sugeridas com ligação subliminar com a nossa própria autobiografia e o nosso imaginário individual.

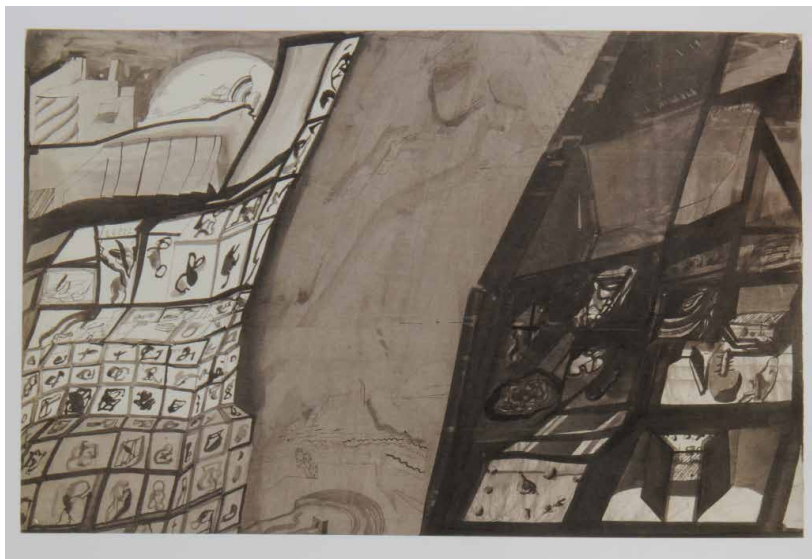


Figura 4. Jorge Martins, *Sem título*, 1965, tinta-da-china sobre papel, 76 x 116 cm.

No contexto da nossa autobiografia, a necessidade de, através da imaginação, repor o equilíbrio (entre a liberdade da nossa interioridade e as condicionantes externas) motiva a transformação e a convocação do imaginário e de imagens que mediem o interior e o exterior. Isto, no mesmo sentido que Jung sugere quando “salienta que a atividade cognitiva e a experiência da realidade, interna e externa, nascem do cruzamento contínuo do pensamento racional e lógico com o pensamento irracional ou intuitivo e, portanto, com a imaginação” (PIERI, 2005, pp. 50-51). Portanto, partimos do pressuposto de que a imaginação concilia opostos, quando, simbolicamente permita o escape dos constrangimentos racionais de uma história autobiográfica na qual nos confrontamos com os *self-schemas* da conjuntura sociocultural. Deste modo, a imaginação será, no fundo, um campo onde o autor, através da imagem, se liberta dos racionalismos vindos do exterior, não os excluindo, mas sim, pela des-subjetivação, transformando-os, esperando reencontrar, pela subjetivação, a harmonia interior no contexto de uma relação simbólica com o exterior.

A simbologia é, assim, o recurso com que o artista pode explorar diferentes experiências com os efeitos empáticos e introjetivos consigo próprio, facilitando a reconciliação entre o consciente e inconsciente, entre o exterior e o interior, e, por consequência, potenciando a liberdade de criação que une o real ao imaginário. Daí a importância não só da imaginação, mas também, acima de tudo, da imagem simbólica como elo de aproximação “eu – não-eu” e “real – irreal”, pois, diz Pieri (2005, pp. 36-7)

na sua abordagem a Jung, “a imagem é expressão da necessidade mais originária, isto é, do choque entre o homem e o mundo e da nua coexistência.” A imagem será o veículo com o qual se torna possível que, pela imaginação, o artista imerja na sua interioridade, e a partir do qual crie uma ordem (racional da consciência) para o caos (irracional do inconsciente), numa dinâmica (re)harmonizadora das (aparentes dicotomias) eu-meio, intrínseco-extrínseco, interioridade-exterioridade, projeção-introjeção.

Repare-se que na Figura 5 esta procura se manifesta na representação com que o artista terá desejado uma relação introjetiva em que experimentasse este reequilíbrio fenomenológico interior-exterior e imaginário(irreal)-real.



Figura 5. Jorge Martins, *Jogos de espelhos*, 2003, grafite sobre papel, 160 x 120 cm.

Nesta base, intuímos que o imaginário de JM lhe permite expor uma (ir)realidade de si projetada, no desenho, enquanto imagem com a qual procura uma introjeção reconciliadora consigo (no aqui e agora da intra-subjetividade eu-eu). É a partir desta relação que JM parece projetar, pela expressividade da descompressão das emoções

reprimidas, a representação simbólica da imagem do entendimento de si na relação com o mundo.

Jorge Martins usa os meios indiretos da simbologia porque são eles os que, na liberdade do imaginário, coadunam harmonicamente o juízo racional e o do afeto. A arte de JM não é, assim, um ato de explodir indiferenciadamente numa tentativa de que essa explosão dilua a inquietação do confronto entre o afeto e a razão que o julga. Não é um ato da total anulação do poder da des-subjetivação. Em vez disso, a instável manifestação subjetivadora das emoções tem de se submeter a uma certa ordem da razão des-subjetivadora e vice-versa, de modo a que a razão esclareça a inquietude emocional e a emoção dê um sentido afetivo à razão.

Na Figura 6 apresenta-se um conjunto de formas com um conteúdo subjacente, em que, dada a correlação tácita a um nível simbólico, nos é permitida uma certa empatia com o desenho, na medida em que a livre associação destas ideias/formas desperte em nós a livre manifestação afetiva de conteúdos memorados suscetíveis de uma introjeção e de uma subjetivação. Para este efeito, é o caráter simbólico o que pode sintonizar a interrelação de imaginários.

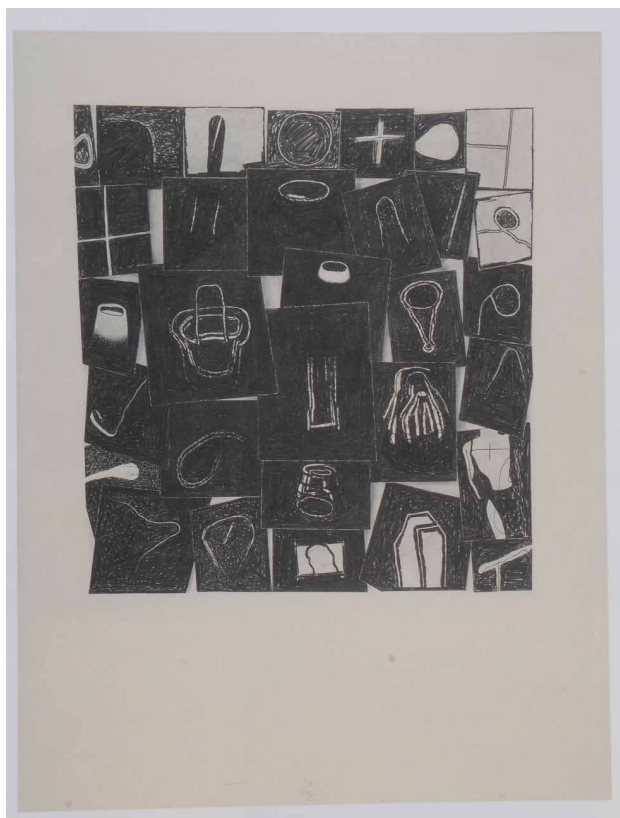


Figura 6. Jorge Martins, *Perdidos e achados*, 2002, grafite sobre papel, 160 x 120 cm.

Ressalve-se, portanto, que nem só indeterminação instintiva das emoções nem só determinação racionalista; nem só subjetivação nem só des-subjetivação. O que o JM procura, com recurso à representação simbólica e expressiva da sua relação consigo e com o mundo, é, no fundo, o reequilíbrio nas seguintes circunstâncias: onde a emotividade seja o condimento *indeterminado*, da vida, que se infiltre na razão *predeterminante*; onde a instável *emergência* da irracionalidade do inconsciente individual se insurja contra a *imersão* da racionalidade de um (in)consciente coletivo; onde se dê aso à vontade de inculcar uma *instabilidade* vital emotiva (intrínseca ao corpo) na *estável* universalidade da onipotência da razão (intrínseca à mente); ou, numa palavra, onde a *emergência projetiva libertadora do imaginário* suscite a *imersão introjetiva, mais verdadeiramente, libertadora*.

4 | CONCLUSÃO

De um modo geral, em todos os desenhos de JM, sente-se que há uma densidade de emoções retidas que se metamorfoseiam nos afetos positivos, ou melhor, na projeção das emoções através da expressão gráfica e simbólica e, por consequência, de harmonização introjetiva do artista consigo próprio. Na projeção das emoções inquietantes que se representam na metamorfose simbólica das memórias autobiográficas, o artista reconcilia-se com a projeção de si – aquela que o desenho lhe devolve e que lhe permite transformar a inquietude numa empatia.

Concluindo, o desenho, será para JM, o fenómeno onde não há *a realidade imposta*, mas sim *realidades expostas*. A projeção da inquietude destas realidades vai sendo descoberta e transformada, no sentido de que a irracionalidade (de sua identidade mais inconsciente, instável e subjetiva) e a racionalidade (da universalidade consciente, estável e objetiva) convirjam para uma fonte una, para a realidade originária do seu Ser.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. **Textos essenciais da Psicanálise. O inconsciente, os sonhos e a vida pulsional.** Vol. 1. Col. Biblioteca Universitária. Mem Martins, Publicações Europa-América, 1932/2001.

JUNG, C. **Tipos Psicológicos.** Col. Los libros Sísifo. Barcelona: Edhasa, 1921/2008.

JUNG, C. **Las relaciones entre el yo y el inconsciente.** Barcelona, Bueno Aires, México, Editorial Paidós, 1928/2009.

KAUFMANN, J. -C. **A Invenção de Si. Uma Teoria da Identidade.** Col. Epistemologia e Sociedade, nº 233. Lisboa: Instituto Piaget, (D. L.) 2005.

OGDEN, T. **On Three Forms of Thinking: Magical Thinking, Dream Thinking, and Transformative Thinking. The Psychoanalytic Quarterly.** Vol. LXXIX, nº2, pp. 317-347, 2010.

PIERI, P. F. **Introdução a Carl Gustav Jung**. Lisboa, Edições 70, 2005.

TOURAINÉ, A., & KHOSROKHAVAR, F. **A Procura de Si: Diálogo sobre o sujeito**. Col. Epistemologia e Sociedade. Lisboa, Instituto Piaget, D. L. 2001.

MEMÓRIA EDUCATIVA: SIGNIFICADOS QUE EMERGEM NA ATUAÇÃO DOCENTE

Data de aceite: 01/09/2021

Data de submissão: 11/06/2021

Frizete de Oliveira

Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília (FE/UnB)
Brasília, DF
<http://lattes.cnpq.br/2602819688875864>

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília (FE/UnB)
Brasília, DF
<http://lattes.cnpq.br/0676038221177239>

RESUMO: Este artigo apresenta a utilização da memória educativa como dispositivo de pesquisa em Educação, conforme preconiza Almeida (2001) tendo como aporte teórico a Psicanálise em abordagem com memória e a linguagem. Traz a análise realizada a partir da escrita e falas de quatro docentes, professoras da educação infantil de escola pública de Sobradinho/DF, coletadas por meios virtuais no segundo semestre de 2020. Tais análises são parte de dissertação de mestrado que teve como foco o processo de aquisição da leitura das participantes naquele estudo. Utilizou-se a memória educativa e entrevistas semiestruturadas. O dispositivo da memória educativa possibilita apre(endermos algo para além do que recordamos, que se inscreve na escrita mais que reminiscências e permitem indicar possíveis significantes e significados que

se manifestam na atuação docente, inclusive da ordem do inconsciente. Assinalamos que a ação docente possa desempenhar relevante papel na constituição de repertórios em relação aos modos de ser, sentir e agir dos sujeitos desde suas primeiras experiências na infância. Da análise de conteúdo (BARDIN, 2016) emergiram três eixos temáticos: Constituição Subjetiva; Linguagem e Transferência, os quais possibilitaram as reflexões aqui apresentadas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória educativa. Psicanálise. Ação docente.

EDUCATIONAL MEMORY: MEANINGS THAT EMERGE IN THE TEACHING ACTION

ABSTRACT: This article presents the use of educational memory as a device of research in Education, as recommended by Almeida (2003) having as theoretical support the Psychoanalysis in approach with memory and language. The analysis was conducted from the writing and speeches of four teachers of kindergarten education of public schools in Sobradinho/DF, collected by virtual means in the second semester of 2020. Such analyses are part of the masters degree dissertation that focused on the process of reading acquisition of the participants in that study. Educational memory and semi-structured interviews has been used in the process. The device of educational memory enables us to learn something beyond what we remember, which is inscribed in writing more than reminiscences and allow us to indicate possible signifiers and meanings that manifest themselves in the teaching work, including the order of the

unconscious. We point out that the teaching action can play a relevant role in the creation of repertoires in relationship to the ways of being, feeling and acting of the subjects since their first experiences in the childhood and schooling. From content analysis three thematic axes emerged: Subjective Constitution; Language and Transference, which made possible the reflections presented here.

KEYWORDS: Educational memory. Psychoanalysis. Teaching action.

INTRODUÇÃO

Questões sobre a constituição e o funcionamento da memória são debatidas e teorizadas desde os tempos mais remotos da humanidade, inclusive por meio de mitos e se desdobram quando consideramos sua relação do tempo, com a coletividade, com a ideologia, com a disputa de poder – seja político, intelectual e social dentre outros. Neste artigo reportamos à memória destacando algumas de suas características e registros de possível funcionamento a partir de estudos psicanalíticos no campo da educação, especialmente, por utilizarmos a escrita da memória educativa como dispositivo para pesquisa. Assim, buscamos evidenciar os mecanismos nos quais a memória opera (rememoração e esquecimento) e como compõem em nossos atos e ações sob o enfoque psicanalítico, sendo a memória educativa, dispositivo valioso para a emergência e análise de questões/dados para pesquisa no campo educativo.

Destacamos que de forma alguma, tivemos a pretensão (nem as credenciais necessárias) para realizar a análise terapêutica das participantes, nem tampouco a prescrição de normas ou metodologias de ensino. Desejamos apenas, salientar as contribuições dos estudos psicanalíticos no campo da educação.

Desta forma, partimos do pressuposto de que o modo peculiar com que o sujeito se percebe em seu percurso educativo, se relaciona com suas memórias, consigo, com o Outro¹, com o conhecimento, pode reverberar em sua atuação docente, nos revelando possíveis significações que se imbricam ao Ser-professor em sua atuação docente. Neste artigo, trazemos as análises realizadas sobre o material produzido na dissertação, ou seja, os textos produzidos (memória educativa) e as falas em entrevistas, das participantes, naquela ocasião, acerca de seus processos de aquisição da leitura, buscando, o entrelaçamento entre a Memória Educativa, Psicanálise e Linguagem.

Ao utilizarmos o dispositivo de pesquisa memória educativa almejamos compreender possíveis relações que possam se estabelecer/evocar/suscitar quando o sujeito-professor se dispõe a escrever, a anunciar-se. Apostamos na possibilidade de que sua escrita possa desvelar seus atos e desejos, ações e expressões que escapam ao próprio sujeito e o

¹ Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico — o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus — que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intrassubjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular. Ou receber a grafia grande Outro. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 572).

constitui na atualidade.

A MEMÓRIA E SUAS VICISSITUDES

Antes mesmo de lançar-se à linguagem e melhor constituí-la, a humanidade já elaborava meios e artefatos para contar o tempo, a partir da observação dos fenômenos da natureza. Passou-se a perceber com maior nitidez a relação entre tempo e memória, esforçando-se para transmitir tais informações/observações aos seus descendentes, pois prever as estações do ano, os melhores períodos para caça, pesca, plantio e colheita eram questões de sobrevivência.

Platão já discutia a questão da memória, no diálogo com *Teeteto* quando abordava questões sobre o conhecimento. Nessa obra, Platão usa a metáfora de um bloco de cera para falar da memória. Dizia que a memória tinha sido o presente de *Mnemosine*, mãe das nove Musas que teve com Zeus e que inspiravam os poetas e artistas. Platão acreditava que em cada indivíduo esse bloco de cera tinha qualidades diferentes, porém a cera não era nem tão fluida quanto a água, pois assim não se permitiria marcar e nem tão dura quanto o ferro, que não pudesse ser marcado. Desta forma, as impressões podiam ser registradas e guardadas na alma humana, gerando conhecimento. (GONÇALVES; NETO, 2010).

Apesar de utilizar essa metáfora, Platão acreditava que havia outro tipo de conhecimento que não era derivado apenas das impressões ou percepções sensoriais das quais dispomos. Para Platão (apud SMOLKA, 2000, p. 174) “o verdadeiro conhecimento consiste em ajustar as marcas das impressões sensoriais à forma da realidade superior, da qual as coisas são meras reflexos”.

Platão debatia com Sócrates e com *Teeteto* (mesmo nome dado à obra), que o conhecimento da verdade e da alma consistia na recordação de modelos e, portanto, aprender seria recordar, (re)conhecer. A memória era o conhecimento da Verdade. No entanto, Platão desconfiava quando essa memória era escrita, pois se tratava de uma incompatibilidade entre o que estivesse escrito e o que era tido como verdadeiro porque a escrita poderia ser “simulacro e sedução” (PLATÃO apud SMOLKA, 2000, p. 175). Deste modo, separava o que considerava do campo da Episteme (*logos*) e do campo da *Mimesis* (memória).

Questões sobre a constituição e o funcionamento da memória, já debatidas e teorizadas desde os tempos mais remotos da humanidade, destacadas aqui sua relação com mitos e com a filosofia de Platão, na busca de um possível diálogo com a Psicanálise que nos guiará como referência teórica primordial.

A memória nos reporta ao tempo e sua complexidade que ultrapassam a simbolização, devido à limitação da linguagem trazem enigmas ocultos e incide sobre nós e sobre o modo como o percebemos, pois abarca o simbólico e o subjetivo que permeiam e caracterizam

nossas relações cotidianas.

Os estudos psicanalíticos abalaram a racionalidade cartesiana ao afirmar que nossas ações, em grande parte, não são dirigidas pela consciência, mas pelo inconsciente, pelo que nos escapa ao controle e raciocínio. Na maior parte, agimos por impulsos e desejos inconscientes. Os mecanismos de lembrança e esquecimento se imbricam e apontam mais que uma deliberação consciente de nossos atos, uma intersecção entre “[...] pensamentos inconscientes que são um prolongamento dos pensamentos conscientes” (FREUD, [1899]1996, p. 186) que estão latentes em nosso aparelho psíquico.

Ao sermos questionados sobre como apre(e)ndemos determinado conhecimento ou habilidade, somos impulsionados a perscrutar na memória episódios que possam nos permitir evocar tal momento. Ainda que não saibamos precisar ao certo como tudo aconteceu, podemos nomear pessoas e/ou situações, caso tenham sido significativas para nós, tanto positiva quanto negativamente.

Pode-se afirmar, muito genericamente, que a facilidade (e em última instância, também a fidelidade) com que dada impressão é despertada na memória depende não só da constituição psíquica do indivíduo, da força da impressão quando recente, do interesse voltado para ela nessa ocasião, da constelação psíquica no momento atual, do interesse agora voltado para sua emergência, das ligações para as quais a impressão foi arrastada etc. - não só de coisas como essas, mas também da atitude favorável ou desfavorável de um dado fator psíquico que se recusa a reproduzir qualquer coisa que possa liberar desprazer, ou que possa subsequentemente levar à liberação de desprazer. (FREUD [1893-1899]1996, p. 173).

Trata-se de acionar mecanismos para resgatar a sensação ou percepção do que foi vivenciado em determinado momento ou situação, dentre algo que ficou marcado em nosso aparelho psíquico sendo captado pelos sentidos, inclusive nossas vivências e o modo como lidamos com ela.

Interessante pensar que somos capazes de lembrar episódios antigos e noutras situações sequer recordarmos o que comemos no almoço ou jantar. Quais mecanismos são acionados nestas duas situações? Como a memória se articula e se constitui numa perspectiva psicanalista?

Na Psicanálise, a memória desempenha um papel central no funcionamento e articulação de nosso aparelho psíquico. Não existindo de maneira simples, mas complexa, registrada sob uma variedade de signos que evocam significantes e significados numa cadeia relacional sendo, portanto, simbólica, nos reportando a um espaço-tempo que desafia a dimensão diacrônica e sincrônica entre estes dois elementos. Assim,

o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações. (FREUD, [1896]1996, p. 176).

Segundo Freud, a mente apresenta um modo peculiar de funcionamento, uma

relação entre os atos conscientes e inconscientes que estão em nosso aparelho psíquico. Geralmente as lembranças traumáticas vivenciadas na infância ou em fases críticas de nossa existência geram uma energia que represada e não externada pelos sujeitos pode resultar em sintomas (fobias, doenças ou desequilíbrio emocional).

[...] conteúdo mais frequente das primeiras lembranças da infância constitui-se, de um lado, das situações de medo, vergonha, dor física etc. e, de outro, de acontecimentos importantes como doenças, mortes, incêndios, nascimentos de irmãos e irmãs etc. Poderíamos, portanto, inclinar-nos a presumir que o princípio que rege a escolha das lembranças é o mesmo, tanto no caso de crianças quanto de adultos. (FREUD [1893-1899], p. 178).

Talvez essa possa ser uma explicação sobre como rememoramos determinadas cenas, acontecimentos e outros não, ou ainda, porque agimos de determinada forma, porque buscamos esquecer determinados acontecimentos que nos causam desprazer ou dor. Os pormenores que não são lembrados na cena traumática se constituem como um mecanismo de defesa do aparelho psíquico, Seligmann-Silva (1991, p. 84) o define como sendo “um dos conceitos-chaves da psicanálise e do tratamento psicanalítico – simplificando existe em função no trabalho de recomposição do evento – traumático – O que é o trauma? O trauma é justamente uma ferida na memória”.

Como vimos, trata-se mais que evocações do passado, refere-se a uma articulação singular e subjetiva das experiências que vivenciamos desde o nascimento, das primeiras sensações e trocas com o mundo externo e como tais impressões e marcas compõem e reverberam em nossas ações cotidianas, sobretudo de forma inconsciente. Assim, como Platão nos falou das marcas que trazemos impressas na memória, a Psicanálise nos traz para a discussão um conceito inédito que é o inconsciente, ou seja, uma força motriz que impulsiona nossos desejos e diz mais do que nossa racionalidade gostaria. Lacan no *Seminário XIV, a Lógica da fantasia*, nos faz refletir sobre o cogito cartesiano “Penso, logo existo”, haja vista que discute para além de uma ruptura, outra forma de conceber o sujeito: “sou onde não penso, penso onde não sou”, caracterizando, assim, o sujeito como sujeito do inconsciente. (LACAN, [1966-1967]2000).

Freud ([1925]1996) percebeu que a memória tem um processo peculiar de funcionamento que dispõe de capacidades diferenciadas para armazenar e preservar acontecimentos, sensações e experiências. Exemplificou que quando utilizamos um papel ou suporte para escrever, anotar ou desenhar algo que não queremos esquecer, a superfície desse papel/suporte, pode tornar a anotação ou o traçado permanente. No entanto, tem uma capacidade limitada para receber essas anotações, conforme a área de sua superfície em ambas as laudas. Se a opção por utilizar uma lousa, poderemos tomar nota inúmeras vezes, apenas apagando-a e registrando novas anotações. Neste caso, a lousa poderá ter uma infinita capacidade para receber registros, desde que seja constantemente apagada, portanto, o traço, a informação, a nota não estará permanentemente à disposição, o que

foi escrito não poderá ser resgatado quando da impressão ou escrita de novas anotações.

É bem verdade que, atualmente, dispomos de uma maior variedade de equipamentos tecnológicos capazes de captar e registrar acontecimentos, eventos e experiências e assim, perdurarem no tempo. As câmeras fotográficas (já acopladas em nossos celulares, *notebooks*, *tablets*), gravadores (de vídeo e voz) e uma infinidade de materiais como suporte para escrita que sequer imaginaríamos, desde a invenção do papiro.

No entanto, já na época de Freud havia um instrumento chamado “Bloco Mágico” composto por duas camadas (uma de celuloide transparente e outra com papel encerado fino), interligadas pelas extremidades, mas que poderiam se desligar ao ser levantada a primeira camada de papel encerado e se religar para que os traços/notas fossem impressos e reimpressos, conservando em sua camada inferior (formada de cera), traços do que lhe haviam sido escritos. O funcionamento desse equipamento, pareceu ser o ideal para Freud fazer analogia com o funcionamento da memória, pois conseguia manter impregnado os traços/notas de forma permanente, além de ser possível reescrever infinitamente, conforme o funcionamento de uma lousa. Freud nos alertou para o funcionamento desse instrumento (Bloco Mágico) fazendo analogia com a memória.

Na atualidade e, especialmente neste contexto de pandemia da Covid-19 que, lamentavelmente vem avançando em 2021, dispomos dos mais diversos equipamentos e *softwares* onde não apenas a função de inscrição, reedição, e armazenamento de informações servem de suporte para memória, em uma capacidade quase que infinita. Mas também são capazes de superar, inclusive, grandes distâncias e otimizar nossa percepção sobre o tempo, estabelecendo novas relações e atuação humana sobre o mundo. Para Berticelli e Ramlow (2018, p. 73) “O grande desafio na atualidade é pensar a educação numa sociedade instável, complexa e marcada pelas incertezas”. Pode-se acrescentar mais um desafio pelo enfrentamento da Covid-19 e, no caso do Brasil, o atual des(governo).

Apesar das incertezas e da necessidade de adaptação diante das dificuldades enfrentadas, o uso das tecnologias digitais e de comunicação têm impactado, sobremaneira nossas ações e percepções. É possível ser famoso, antes mesmo do nascimento. A distância geográfica já não é o fator decisivo para aceitar um emprego, haja vista que a modalidade de *home office* parece ser a nova realidade neste contexto pandêmico. Seminários, conferências e reuniões podem ser realizados de maneira virtual dispensando, assim, a presença física de todos num mesmo ambiente ou localidade, cumprindo os protocolos de saúde. Bibliotecas, museus, escolas e as mais variadas instituições ou grupos sociais disponibilizam seus acervos, possibilitando circulação de informações e conhecimentos construídos por milênios, agora, ao nosso alcance apenas com os movimentos dos dedos num teclado e/ou mídias equipadas com internet. Vivemos em uma época na qual se é possível criar mundos e personagens que existem em paralelo ao nosso (virtualmente). São *blogs*, *chats*, redes sociais, páginas e mais páginas virtuais que impregnam nossa percepção, trazendo uma experiência e vivência totalmente diferentes que as dos nossos

pais e avós. É possível conservarmos anotações, informações e as reeditarmos em quantidade e qualidade muito superiores ao “Bloco Mágico” da época de Freud, no séc. XX, no entanto, sua analogia e teoria são inovadoras e se mantém atuais.

Na obra *Psicopatologia da vida cotidiana*, Freud ([1901]1996) afirma que a memória faz uma seleção entre as impressões que nos foram oferecidas na infância e esta seleção apresenta critérios ou princípios bem diferentes dos que atuam na maturidade intelectual. As lembranças indiferentes da infância, são na verdade, resultantes de um processo de deslocamento, ou seja, “são substitutas, na reprodução [mnêmica], de outras impressões realmente significativas cuja recordação pode desenvolver-se a partir delas através da análise psíquica, mas cuja reprodução direta é impedida por uma resistência” (FREUD, [1901]1996, p.34).

Desta forma, não é o conteúdo ou o evento ocorrido, propriamente dito, mas a percepção/sensação que se instaura e fica marcada permanentemente em nosso aparelho psíquico, além de uma cadeia associativa em que situamos estas sensações aos acontecimentos que, geralmente, nos desagradam. Assim, sempre que acionado o vínculo associativo do que foi recalçado ou reprimido, a mente se encarrega de disfarçar ou encobrir tais lembranças. A esse processo Freud ([1899]1996, p.189) denomina de lembrança encobridora, conceituando-a “como aquela que deve seu valor enquanto lembrança não a seu próprio conteúdo, mas às relações existentes entre esse conteúdo e algum outro que tenha sido suprimido.”

Há, também, um processo de “amnésia infantil” que nos faz esquecer de boa parte do que vivenciamos na infância, sem, contudo, passarmos imunes às suas marcas.

Nossas lembranças infantis nos mostram nossos primeiros anos não como eles foram, mas tal como apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos de despertar, as lembranças infantis não emergiram, como as pessoas costumam dizer; elas foram formadas nessa época” (FREUD, [1899]1996, p. 190).

No processo de esquecimento, quando não conseguimos recalcar ou encobrir as lembranças que nos marcaram, trazemo-las em forma de sintomas, conforme nos advertiu Freud, no caso dos neuróticos e, outra via para lidarmos com tal situação é que, acabamos por reproduzi-las em ato.

[...] Podemos dizer que o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo. (Freud, [1914]1980, p. 93).

Nesta acepção, percebam que aquilo que mais rejeitamos acabamos por reproduzir, inconscientemente, antes de elaborarmos. Possivelmente, tanto na aquisição de leitura, quanto em outras vivências o processo poderá ser o mesmo, caso não consigamos oferecer estratégias para a reflexão, análise e elaboração.

Assim, o processo de repetição pode se instaurar no cenário educativo por meio da transferência, extrapolando a clínica, a relação com o terapeuta ou médico, conforme pontua Freud (1980), pois:

[...] percebemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual. Devemos estar preparados para descobrir, portanto, que o paciente se submete à compulsão, à repetição, que agora substitui o impulso a recordar, não apenas em sua atitude pessoal para com o médico, mas também em cada diferente atividade e relacionamento que podem ocupar sua vida na ocasião[...]. (Freud, [1914]1980, p.93).

A Psicanálise postula a cura pela fala e desta forma, acreditamos que possibilitar a fala e a escuta sensível de professores que atuam especialmente na educação infantil, possa viabilizar a ressignificação das marcas simbólicas que os constituem como Ser-aluno e Ser-professor e, por conseguinte, repercussões nos processos ensino e aprendizagem, em especial, na atuação docente.

Barbier (2002) trata a escuta sensível como reconhecimento incondicional do outro. Acrescenta que tal escuta não julga, não mede e nem compara. É capaz de compreender sem, no entanto, aderir às opiniões, mas estando presente e consistente em cena, atento e aberto aos sentimentos, emoções e crenças do outro, sem enquadrá-lo ou julgá-lo. Tais características e procedimentos já eram assim desenvolvidos na clínica de Freud. Portanto, podemos afirmar que Freud foi pioneiro na utilização da escuta sensível e a fala de seus pacientes, o material fundante de todo tratamento.

Assim, ao abrirmos espaço para que professores falem sobre suas percepções frente a sua atuação, buscamos assentar um outro momento, um novo tempo, o tempo de elaborar. Nossa esperança, do verbo esperar em Freire (2006) é que tendo passado por essa experiência de fala, o Ser-professor possa também promover essa dinâmica ao Ser-aluno de modo que, alguma forma, todos possam se aproximar desse tempo de elaboração.

A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA E A LINGUAGEM

Sob a perspectiva da Psicanálise, nos tornamos humanos ao sermos inseridos numa cultura e grupo social que nos imprime uma marca, um desejo. Somos o resultado de expectativas criadas por nossos genitores, desde a escolha do nosso nome, as projeções de atividades que iremos exercer no futuro (profissão), aspectos físicos e emocionais (com quem será parecido), dentre outros. Desta forma, estamos alienados ao desejo do Outro², a uma ordem simbólica representada pela linguagem ao sermos introduzidos pelo outro

² Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico — o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus — que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intrassubjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular. Ou receber a grafia grande Outro. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 572).

(FREUD, [1915]1985).

Desde o nascimento, a criança estabelece com seu cuidador, geralmente a mãe, uma relação simbiótica, ou seja, há a crença, para o bebê de que é parte do corpo do outro (mãe/cuidador). Neste sentido, não existe um sujeito criança, pois ela se percebe no prolongamento do corpo materno. Além disso, o bebê também se constitui como o objeto do desejo da mãe, ou seja, para existir um bebê é necessário que haja um desejo da mulher de se posicionar como mãe. Mesmo que, posteriormente, o abandone. Sendo assim, o que está atrelado à existência do outro, que em um estágio posterior também se configurará no grande Outro, quando da inserção na linguagem. Segundo Gustsack e Lovato (2018, p. 64) “a linguagem, como parte do modo de vida de nós, seres humanos, conserva-se, evolui e nos constitui enquanto espécie”.

Nessa relação, a mãe ou o cuidador irá passar para o bebê muito mais que o leite materno ou o alimento contido na mamadeira. As primeiras sensações poderão ser significadas através da palavra (linguagem), do diálogo e da interação que esta mãe-cuidador estabelece com o bebê, ou seja, conforme destaca Lajonquière (2010), do “endereçamento da palavra” ao bebê. Assim, mais que o alimento que sacia a fome e aplaca a sensação de desconforto, as tensões, os gestos de carinho, acolhimento ou, pelo contrário, a repulsa, a angústia e a incerteza, também são transmitidos ao sujeito-bebê. Em continuidade, Elia (2010, p. 36) afirma: “o sujeito, portanto, se constitui, não ‘nasce’ e não se ‘desenvolve’”.

Contudo, para se tornar sujeito, essa relação simbiótica e de alienação entre bebê e mãe-cuidador deve ser desfeita. Se faz necessário que haja uma separação. É neste momento que a entrada de um terceiro elemento nesta relação é crucial e podemos chamar de ‘função paterna’, cuja posição principal é realizar essa separação, ou seja, o bebê deixa de ser o objeto do desejo materno e faz o corte do desejo do filho para com a mãe. Podemos chamar esse movimento de castração, conforme assevera Lajonquière (2013),

A castração “é o que regula o desejo” ao instituir uma diferença entre o que se obtém e o que se deseja. Destronando a criança de sua posição de falo imaginário, ela lhe diz que, mesmo se esforçando, ainda assim não conseguirá obturar a falta no Outro e que, portanto, o circuito do desejo se reabre permanentemente (LAJONQUIÈRE, 2013, p. 284).

Desta forma, a criança ao perceber que não é mais o desejo da mãe, que não a completa, é impulsionada a buscar algo e passa a ser um ‘ser desejante’, isto é, um sujeito de falta. Essas marcas simbólicas que pessoas mais próximas imprimem ao bebê, ao se articularem e se incorporarem em cada cena diária, vão gerando significantes e significados que alicerçam a amálgama do sujeito, por isso Elia (2010, p. 41) sinaliza: “o que chega a ele (bebê) é um conjunto de marcas materiais e simbólicas — significantes — introduzidas pelo Outro materno, que suscitarão, no corpo do bebê, um ato de resposta que se chama de sujeito”.

Ao conceber o sujeito como um ‘ato de resposta’, percebe-se o quão responsáveis somos pelos nossos filhos e toda criança-sujeito que atravessar nosso caminho. São também por nossas mãos (atos e palavras) que constituímos esse sujeito. Embora haja seu mundo interior e as tensões que se desdobram ao longo de sua existência ele não passará incólume, mais ainda, poderá ser a resposta do que lhe foi oferecido.

Desse modo, numa perspectiva lacaniana, o sujeito ou qualquer outra palavra é um lugar vazio. Só é possível contornar esse vazio e lhe fazer borda numa tentativa de delimitá-lo quando lhe atribuímos significantes. Apenas em uma cadeia associativa e simbólica donde evocam outros significantes torna-se identificável e situado em determinado contexto e tempo históricos. Conforme Lacan ([1972-1973]1985, p. 43) “o significante como tal não se refere a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como liame”.

Outra questão presente no cenário de estudos sobre a linguagem refere-se à sua função. Enquanto a Linguística prioriza a comunicação, a Psicanálise visa a evocação, onde o ato de fala é concebido como ato de discurso, e não como ato de fonação. Isso implica a necessidade de dirigir, endereçar uma mensagem a alguém, que, em contrapartida, demandará uma resposta. Portanto, por meio da fala é que a função da linguagem se efetiva, se consolida em interação com o outro. Sendo assim, a importância de se analisar a linguagem como uma instância dinâmica e polissêmica para além dos aspectos formais da língua, como uma ferramenta que possibilite a enunciação do sujeito inconsciente, que “não cessa de não se inscrever” (LAJONQUIÈRE, 2010, p. 204).

Assim, ao nos debruçarmos sobre tais estudos, nos remetemos à análise sobre a função da escola enquanto instituição encarregada de introduzir formalmente a criança aos aspectos normativos da língua e possibilitar o acesso aos conhecimentos culturais, sociais, filosóficos e científicos. Estaria, também, possibilitando a enunciação desse sujeito-criança?

Ao endereçarmos a palavra ao sujeito e dar-lhe voz, possibilitamos também sua enunciação, ou seja, seria como “ensinar o sujeito a nomear, a articular, a fazer passar para a existência, este desejo que está, literalmente, para alguém da existência, e por isto insiste” (LACAN, ([1954]1988, p. 496).

Com isso, podemos destacar que a ação docente pode incidir sobre o sujeito imprimindo-lhe marcas que, possivelmente constituirão sua subjetividade, para além de ensinamentos canônicos promovidos na escola.

CAMINHOS PERCORRIDOS: PARA ALÉM DO QUE RECORDAMOS

O trabalho com a memória educativa como significativo dispositivo de pesquisa tem sido utilizado pela professora pesquisadora Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida no decorrer de mais de 15 anos como orientadora de mestrandos e doutorandos, compondo a linha de pesquisa Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação

(EAPS) do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (PPGE/FE/UnB). Apesar de operar como uma escrita individualizada, os temas suscitados e as pesquisas realizadas, abarcam diversas questões acerca do processo escolar e do ato educativo, tais como a gestão escolar, cenário pedagógico, docência, ambiente virtual de aprendizagem, ação e práticas pedagógicas, inclusão escolar, formação do pedagogo, identidade e profissão docentes, educação para o trânsito, relações professor-aluno, dentre outros que poderão incidir sobre os processos ensino e aprendizagem e, desta forma, imbricar diversos sujeitos e temáticas referentes à Educação.

Esse trabalho remonta de 1998, quando a professora pesquisadora Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida em coautoria com a professora doutora Maria Alexandra M. Rodrigues, ambas da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília elaboraram o “Módulo Comum Imersão nos processos educativos de Ciências e da Matemática” destinado a formação de professores que atuavam em tais disciplinas. Esse módulo foi utilizado em curso proposto em parceria com o Ministério da Educação (MEC), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF); Universidade Aberta do Distrito Federal (UNAB) e Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Naquela ocasião, como parte das atividades de reflexão e debate acerca dos processos formativos dos docentes, foi solicitado que escrevessem um memorial – “memória educativa do professor ao longo de sua trajetória como aluno”. À essa escrita, as autoras denominaram de “arqueologia dos processos pedagógicos” (ALMEIDA; RODRIGUES, 1998, p.13) em referência ao trabalho cuidadoso de escavar, retirar camadas e mais camadas que recobrem o material valioso, escamoteado sob ação do tempo e na tese de doutoramento de Almeida (2001) a proposta ocupa lugar de centralidade, sendo ampliada em 2003 com adensamento nos estudos psicanalíticos e configurando-se como significativo dispositivo de pesquisa: é possível pensar que na escrita uma enunciação mínima do sujeito inconsciente comparece.

Com isso, propuseram uma espiral a fim de nortear, ou melhor, provocar a escrita em seus inúmeros episódios e acontecimentos, observando e resgatando seu processo formativo, em diferentes níveis – desde o ingresso na pré-escola à universidade, ao longo de sua história pessoal e escolar, trazendo as sensações, fatos ou acontecimentos e lembranças das vivências que foram suscitados ao longo desse seu processo de escrita. Nas palavras das autoras:

Trata-se de uma espiral das interações com o mundo escolar no qual se desenvolveu o processo formal de ensino-aprendizagem. Esta espiral reflete uma dinâmica sequencial integrativa: os processos de ensino-aprendizagem ocorrentes em cada fase são incorporados às vivências dos estágios seguintes, num nível crescente de complexidade. (ALMEIDA; RODRIGUES, 1998, p.15).

Para melhor visualização sobre o processo de escrita da memória educativa,

observem, na figura a seguir, possíveis etapas que se inter-relacionam. A disposição em espiral nos permite identificar a dinamicidade e multiplicidade de relações, pessoas, fatos ou cenas que se interpenetram, que retornam, mas que nesse retorno, se impulsionam, sempre em movimentos ascendentes trazendo outros significantes e significados se consolidando como um roteiro motivador, podendo fazer o recorte para dar o enfoque conforme a temática de interesse e/ou pesquisa/estudo.

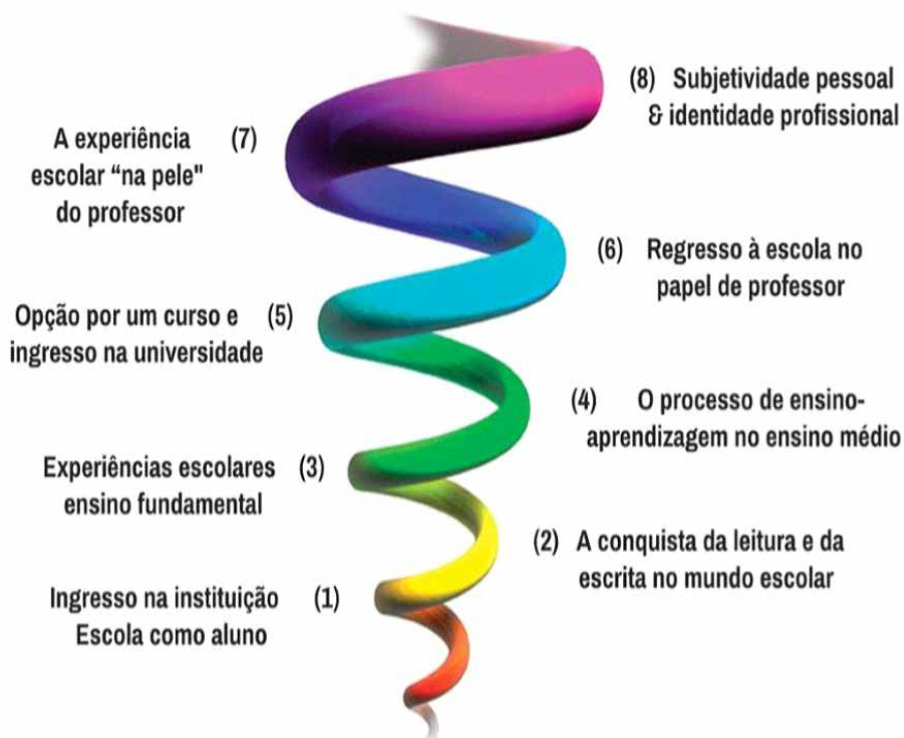


Figura 1 - Processo metodológico de construção da Memória Educativa (ALMEIDA E RODRIGUES, 1997- 1998).

Fonte: Inspirado no Módulo Comum. Imersão no Processo Educativo das Ciências e da Matemática. Programa de Aperfeiçoamento de Professores de Ensino Médio – Pró-Ciências. Universidade Aberta do Distrito Federal -UNAB, Brasília, Brasil.

Conforme nos aponta Almeida e Bittencourt (2018) a escrita da memória educativa, sob o enfoque da Psicanálise se caracteriza como um dispositivo de pesquisa, pois trata-se de revelar o 'sujeito da enunciação' que, ao escrever, deixa marcas do inconsciente que ultrapassam o texto escrito e extrapolam o enunciado no texto. Argumentam que a memória educativa se consolida como um dispositivo de pesquisa, na medida em que "propõe um re-olhar sobre a trajetória do professor, as inscrições que constituíram sua subjetividade/ identidade e marcaram sua forma de ser e estar no mundo" (ALMEIDA; BITTENCOURT,

2018, p. 6).

Almeida (2012, p. 11) ainda nos lembra que “o ato de escrever tem assim um sentido de inscrição, o sujeito vai se enveredando na ordem discursiva buscando dar conta de uma história que o antecede, das marcas que o constituíram”. Com isso, apreendemos que algo está para além do que recordamos, para além de fatos ou acontecimentos vivenciados, mas que nos marcam e nos constituem, consolidando nosso modo de ser, agir, sentir no e sobre o mundo.

Almeida e Bittencourt (2018) apresentam uma trajetória que oferece sustentação teórico-metodológica de como a escrita da memória educativa tem se firmado como dispositivo de pesquisa há mais de quinze anos na produção de teses e dissertações na interface Psicanálise e Educação.

Foucault (2004) pontua as características de um dispositivo tentando demarcar como um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas e que ultrapassam o dito e o não dito como elementos que constituem um dispositivo, pois “o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos” (FOUCAULT, 2004, p. 244).

Assim, ao optarmos por utilizar a escrita da memória educativa como dispositivo de pesquisa, almejamos mais que o registro escrito da biografia do sujeito ou a enumeração de acontecimentos numa cadeia cronológica ou sucessória ao longo de sua história de vida, buscamos a partir de seu enunciado, a possibilidade de identificar a polifonia de imagens, sons, sensações, emoções, ou seja, as marcas que persistem em suas reminiscências, presentes em seu discurso, constituindo assim, a sua verdade. Nessa perspectiva, Bittencourt *et al.* (2021), assinalam que:

a memória educativa, fundamentada na conexão psicanálise e educação, vem sendo utilizada para investigações no campo da educação, no âmbito da Universidade de Brasília. Neste sentido, as produções acadêmicas disponíveis no repositório institucional desta universidade foram consideradas, para fins de ilustração, de como a memória educativa pode se constituir como um dispositivo, capaz de ressignificar a atuação docente. Assim, pretende-se reconhecer os sentidos subjetivos (des)velados no percurso das produções acadêmicas, os saberes e as práticas dos pesquisadores, a partir da experiência de pesquisa com o dispositivo da memória educativa. (BITTENCOURT *et al.*, 2021, p. 08).

O que possivelmente reverbera em suas ações, traços de personalidade ou estilos de ser e de sentir-se no mundo, com o outro e com o simbólico. Sendo assim,

Importante reconhecer que este campo da psicanálise, articulada à educação, é utilizado nos cursos de formação de professores e emerge como um caminho para que, dentre outras possibilidades, os sujeitos possam repensar as vivências, as práticas e as relações sociais experienciadas desde seus primeiros anos de escolarização até sua prática pedagógica atual. (BITTENCOURT *et al.*, 2021, p. 04).

A escrita da memória educativa pode nos revelar desafios e concepções que docentes e educandos trazem desde o início da escolarização sobre a leitura, podendo desvelar seus traumas, aptidões, projeções e anseios. Então, quando propomos ao professor a escrita de sua memória educativa, vislumbramos o resgate desse sujeito de fala, sujeito de enunciação, que ao revisitar suas memórias possa se reestruturar, se conhecer um pouco mais, se implicar em sua trajetória de vida e em sua atuação profissional.

No estudo apresentado, tivemos o aceite de quatro docentes atuantes na modalidade da educação infantil, ou seja, com crianças na idade de quatro a cinco anos. Esse foi um dos critérios utilizados para caracterizar as participantes, pois conforme já destacado, ao trabalharmos com a memória educativa, possivelmente emergjam outros temas ou desdobramentos e nossa intenção, à época da dissertação, foi contribuir com pesquisas que incidam sobre esse segmento da Educação Básica. Consoante aos estudos psicanalíticos no campo da educação, percebemos a importância que o Outro possa exercer sobre a constituição subjetiva, e, por extensão, a influência de docentes no modo de ser e agir dos educandos, a partir das primeiras experiências vivenciadas no processo de escolarização.

Na etapa inicial foi solicitado às participantes que escrevessem sua memória educativa (ALMEIDA; RODRIGUES, 1988), destacando os acontecimentos, pessoas, sensações e percepções dos quais se recordassem, referentes ao seu período de aquisição de leitura. Salientamos que se tratava de escrever livremente, sem amarras, sem número pré-determinado de laudas, sem preocupação excessiva com os elementos estruturais da língua (gramática, ortografia, sintaxe), ou seja, utilizando o gênero textual de sua preferência. Disponibilizamos um possível roteiro para ativar a memória e fomentar a escrita, elaborado a partir da espiral da memória educativa construída, conforme já apresentado na figura 1, com adaptações.

Após o recebimento das memórias educativas das participantes, via e-mail, realizamos as entrevistas pelo aplicativo *Google Meet* que foram gravadas e, posteriormente, degravadas, compondo o material das análises ora apresentadas.

RESULTADOS

Utilizamos a análise de conteúdo de Bardin (2016) que oportuniza o emprego de diferentes fontes e dados de pesquisa, combinando estatísticas, análises observações, considerando a descrição, a objetividade e a sistematização, possibilitando também, a inferência e a interpretação. Desta forma, estabelecemos categorias de análise compatíveis ao processo de pesquisa e em consonância com a Psicanálise. Assim, com vistas ao tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação – definição das unidades de sentido/significantes, elegemos três eixos para análises, sendo eles: Constituição Subjetiva, Linguagem e Transferência que emergiram da escrita da memória educativa das participantes da pesquisa sobre as experiências vivenciadas no período de aquisição da

leitura. Utilizamos codinomes para que a identidade de cada participante fosse resguardada, nas falas aqui apresentadas.

No eixo Constituição Subjetiva, encontramos trechos que denotaram como as participantes se percebem, quais características que elegem como suas ou se identificam, como descrevem suas relações com os outros, ou seja, com pessoas próximas, familiares, amigos, colegas de trabalho. Como lidaram com as regras sociais e institucionais, as inibições e adversidades que compõem as suas trajetórias de vida. Bem como os rastros e restos desses acontecimentos que ainda podem comparecer em suas atitudes e nas representações sobre si e sobre o mundo, ou seja, as marcas que vão nos constituindo ao longo da temporalidade de existência. Trazemos o excerto onde a participante atribui a emoção e a sensibilidade como características que foram forjadas pelas experiências vivenciadas e que se consolidam na atualidade:

E aí a gente cresceu muito isolado e eu acho que eu sou uma pessoa que externou por meio da emoção, eu sou extremamente emotiva, eu sou extremamente sensível, eu não sou hipersensível, eu falo que eu sou tri-hipersensível, (risos) eu acho que eu não tenho os mesmos filtros das outras pessoas; assim... a forma como eu percebo, é tudo muito intenso, as frases, as palavras, as situações, os conflitos. (Professora Sara).

No eixo Linguagem nos deparamos com trechos nos quais as participantes discorreram sobre suas primeiras experiências no campo da linguagem, enfocando o período de aquisição da leitura. Importante lembrar que tais experiências não correspondem, necessariamente, à sua alfabetização, embora exista estreita relação entre ambas. No entanto, percebemos que, ao solicitar às participantes que fizessem esse recorte, que focassem seu olhar para esse período específico, de fato, sobressaíram as vivências relacionadas à escola pois, a vislumbramos como instituição encarregada de transmitir, promover o acesso aos conhecimentos culturais, filosóficos e científicos e iniciar a educação escolar. Vejam como a docente caracteriza seu processo de aquisição da leitura e o impacto que a atuação docente exerceu neste processo:

O processo de aquisição de leitura e escrita, foi muito difícil e doloroso, pois além de toda dificuldade vivida em sua casa, não havia afetividade com sua professora. 'A menina' gostava muito de atividades matemáticas e ciências, mas a rigidez das educadoras pouco contribuiu para isso. (Professora Íris).

Ao nos referirmos à linguagem, numa perspectiva psicanalítica, partimos da inserção do sujeito ao simbólico que se instaura desde que a palavra lhe é endereçada, ainda nos primeiros momentos de sua existência e cuidados pela mãe-cuidadora (função materna). Com isso, a incidência de regras, valores e costumes sociais e a submissão ao campo do simbólico, circunda o processo de constituição do sujeito, cindindo-o e o alienando. Mas ainda assim, é possível acolher o desejo do educando, suscitar novos contextos e significações. Já a professora Mariana descreveu uma experiência prazerosa em que a ação criativa docente contribuiu para torná-la, inclusive, mais efetiva, quando lhes auxiliava

a desvelar sua ligação com as práticas cotidianas.

Outros professores tornaram aquela leitura um prato cheio para as dramatizações, debates, reportagens, comparação com nossa realidade e tudo mais que pudessem criar em nós o prazer da leitura e o entendimento de seu significado para nossas vidas. (Professora Mariana).

Percebemos que o discurso sobre as questões metodológicas e a crença que trazem em seu bojo sobre serem a solução para os problemas educacionais, perduram no imaginário e na memória de alguns professores, encontrando eco e sendo reforçado pela maneira como se deu sua escolarização, em especial, o processo de aquisição da leitura para alguns, o que nos remete às ilusões (psico)pedagógicas abordadas por Lajonquière (1999). Encontramos essa ressonância na fala da professora Raquel, quando descreve seu processo e afirma que a mudança na metodologia do ensino da leitura e a falta de materiais, especialmente o livro, contribuíram para que esse processo fosse marcado pelo descompasso na fala da professora e na maneira como a entendia, além do *bullying* que sofria pelas irmãs que já sabiam ler e foram ensinadas por cartilha.

Eu tinha duas irmãs mais velhas que são extremamente inteligentes e quando eu comecei a estudar, foi exatamente no ano em que aboliram as cartilhas e muitas professoras não tinham o conhecimento de outros métodos. E aí eu comecei a ser chamada de burra em casa, porque eu era educada diferente, eu ouvia as minhas irmãs faziam os deveres assim: 'ba-be-bi-bo-bu e eu ficava assim: [b], [g], [k]. E elas "É burra, não sabe falar. (Professora Raquel)

No eixo Transferência buscamos analisar como o processo de aquisição da leitura se efetivou e sua possível repercussão na atuação ou estilo de docência das participantes. Vislumbramos que, ao escrever e revisitar sua memória educativa o sujeito-professor pudesse se identificar e, transcender possíveis bloqueios e sensações de desprazer que ficaram marcados em seu aparelho psíquico.

Quando eu fui trabalhar com as crianças, eu consegui, por conta dessa experiência difícil que eu vivi, eu consigo enxergar o meu aluno, eu consigo ouvir, então eu dou muita atenção pra aquele quietinho, calado, ou que a mãe chega e fala assim "Ah, não professora, esse aí não aprende não, é burro!" Na hora assim, me vem àquilo, como se eu me armasse e falasse assim, eu enxergo ele, eu escuto, ele não é burro. Eu tento, às vezes, convencer aquela criança de que ela não é burra. (Professora Raquel).

A professora Íris em sua narrativa oral, por meio da entrevista, descreveu que as metodologias de ensino podem influenciar na maneira como o sujeito se vê, se caracteriza e se percebe a partir do discurso social do outro.

As crianças não se reconheciam como negras, por exemplo. Quando as crianças iam se desenhar, na hora de pintar elas se pintavam com rosa 'clarinho'. E isso sempre me incomodou muito. (Professora Íris).

Portanto, a partir de todo trabalho de análise à luz da teoria psicanalítica, pudemos perceber uma possível confirmação quanto a influência que professores e/ou cuidadores

exercem na formação dos sujeitos, pois tais evidências se ancoraram nas falas e na escrita da memória educativa das professoras participantes, conforme alguns trechos aqui apresentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que a utilização da memória educativa como dispositivo para pesquisa possibilitou a enunciação mínima do sujeito inconsciente. Ao escrever seu texto, as participantes, em grande parte, evocaram as cenas da infância evidenciando as marcas simbólicas que as constituíram e ativaram os mecanismos da memória e suas vicissitudes. Pôde-se identificar algo de suas características pessoais e experiências de prazer e desprazer.

O diálogo da Psicanálise com outros autores sobre a memória e sua articulação com o tempo proporcionou a ampliação acerca de algumas de suas características e funcionamento vindo a somar-se ao conceito freudiano de incidência do inconsciente, no qual abalou a racionalidade cartesiana e nos convocou a considerar sobre o que nos escapa ao controle e raciocínio.

Percebemos que o discurso acerca das questões metodológicas e a crença que trazem em seu bojo sobre serem a solução para os problemas educacionais, perduram no imaginário e na memória de alguns professores, encontrando eco e sendo reforçado pela maneira como se deu sua escolarização, em especial, o processo de aquisição da leitura para alguns. No entanto, a ênfase dada na técnica e/ou metodologia como solução para todos os problemas de ensino, deve ser relativizada, questionada. Trata-se muito mais de observarmos o fenômeno educativo sob outro olhar. Um olhar mais atento às especificidades que nos constituem, um olhar sob o prisma psicanalítico, um olhar que atenda às demandas do outro, um olhar mais criativo e singular que fomente a construção de um processo reflexivo em prol da autonomia e autoria na práxis pedagógica.

Destaca-se a posição singular do afeto e da ludicidade na constituição subjetiva e no processo de aquisição da leitura, bem como a criatividade, o estilo de docência, ou seja, a maneira como o educador se dirige ao educando e a forma como desenvolve a aula. Uma das participantes menciona que o que mais lhe despertava atenção eram as dramatizações, os jogos, as brincadeiras e as músicas que sua professora usava para despertar o gosto pela leitura em seus alunos.

Por fim, deixamos registrado nossa experiência na utilização da memória educativa como um dispositivo autêntico e valioso, capaz de possibilitar a captação e interpretação de significados que extrapolam o contexto escolar, mas que estão imbricados nos processos educativos e nas relações que aí se entrelaçam, especialmente na atuação docente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. **Re-significação do papel da psicologia da educação na formação continuada de professores de ciências e matemática**. 2001. Tese (Doutorado em Educação). Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília - IP/UnB Brasília, 2001.

_____; BAREICHA, Paulo Sérgio de Andrade. Da escrita à inscrição: o lugar do infantil na constituição subjetiva do professor. *In: CONGRES INTERNATIONAL PSYCHANALYSE ET EDUCATION*, 2015, Paris. **Anais** [...]. Paris, 2015.

_____; BITTENCOURT, Cleonice Pereira do Nascimento. The writingofeducational memories as a significantresearch device. *In: ATINER'S CONFERENCE PAPER SERIES*, 2018, Athens. **Anais** [...]. Athens, 2018. No: EDU2018-2496.

BERTICELLI, Ireno Antônio; RAMLOW, Romildo Ricardo. A Educação na complexidade contemporânea. **Revista Contexto & Educação**, Rio Grande do Sul, v. 33, n. 106, p. 72-83, set./dez. 2018.

BITTENCOURT, Cleonice Pereira do Nascimento; ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de; PATO, Claudia Marcia Lyra; SQUARISI, Katilen Machado Vicente. Memória Educativa como dispositivo de pesquisa: tecendo laços na Universidade. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 46, p. 1-24, 2021.

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de; RODRIGUES, Maria Alexandra Militão. **Imersão no Processo Educativo das Ciências e da Matemática**. Módulo Comum. Programa de aperfeiçoamento de Professores de Ensino Médio (Pró-Ciências), Universidade Aberta do Distrito Federal, Brasília, Brasil, 1998.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução: Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: J. Zahar, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREUD, Sigmund. (1915). O Inconsciente. *In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1985. p. 13-74.

FREUD, Sigmund. (1914). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). *In: _____ . Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 189-203.

FREUD, Sigmund. (1901). Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. *In: _____ . Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 6. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 02-90.

FREUD, Sigmund. (1899). Lembranças encobridoras. *In: _____ . Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 3. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 175-190.

FREUD, Sigmund. ([1893-1899]). O mecanismo psíquico do esquecimento. In:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 3. Rio de Janeiro, RJ: Imago. 1996. p. 168-174.

FREUD, Sigmund. (1925). Uma nota sobre o “bloco mágico”. In:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 135-139.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

GONÇALVES, Ana Teresa M.; NETO, Ivan Vieira. Uranos, Cronos e Zeus: a mitologia grega e suas distintas percepções do tempo. **Revista Tempo e Eternidade na Idade Média**. jun./dez.2010. Disponível em<file:///C:/Users/frize/Downloads/Dialnet-UranosCronosEZeusAMitologiaGregaESuasDistintasPerc-3713862.pdf> Acessado em jan. 2020.

GUSTSACK, Felipe; LOVATO, Ana Cristina do Amaral. Escrita e emoções no ensino superior segundo uma abordagem complexa. **Revista Contexto & Educação**, Rio Grande do Sul, v. 33, n. 106, p. 56-71, set./dez. 2018.

LACAN, Jacques. ([1972-1973]1985) **O Seminário, livro 20**: Mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. ([1954]1988). **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. In: Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1988. p.496-536.

_____. ([1966-1967]2000). Seminário 14. La lógica do fantasma. **Edição eletrônica das obras completas de J. Lacan**. Disponível em <http://clinicand.com/wp-content/uploads/2020/06/14-Jacques-Lacan-O-Semin%C3%A1rio-Livro-14-A-I%C3%B3gica-do-fantasma-1966-67.pdf> Acessado em dez. 2020.

LAJONQUIERE, Leandro de. **Infância e ilusão (psico)pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **De Piaget a Freud**: Para uma clínica do aprender. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **Figuras do infantil**: a psicanálise na vida cotidiana com as crianças. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A história como trauma**. In A. Nestrovski & M. Seligmann-Silva (Org.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Editora Escuta, 1991.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A memória em questão**: uma perspectiva histórico-cultural. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 71, p. 166-193, jul. 2000. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200008> Acessado em jan. 2021.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Primeira Edição 1944).

CAPÍTULO 5

A RELAÇÃO ENTRE OS TRAUMAS PSICOLÓGICOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA E O DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS MENTAIS NA VIDA ADULTA

Data de aceite: 01/09/2021

Data de submissão: 02/07/2021

Ronnyel Wanderson Soares Pacheco

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba
Parnaíba-PI, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/0560856152608086>

Manoel Aguiar Fenelon Junior

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba
Parnaíba-PI, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6083822448820089>

Daniela Machado Bezerra

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba
Parnaíba-PI, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/8760432701534774>

Maria Goreth Pearce de Sousa Silva

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba
Parnaíba-PI, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/7453663921423340>

Armando Gabriel Machado Arruda

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba
Parnaíba-PI, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/0560856152608086>

Daniel Henrique Pinheiro Rebouças

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba
Parnaíba-PI, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/0884871419525194>

Jacob Victor de Santana Costa

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba
Parnaíba-PI, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/2994960126566269>

João Henrique Piauilino Rosal

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba
Parnaíba-PI, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/4646264035663669>

Vinícius José de Melo Sousa

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba
Parnaíba-PI, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6641567175046002>

Joíson Ramos - Jesus

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba
Parnaíba-PI, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/3451843875843201>

RESUMO: Introdução: O trauma infantil, pode ou não deixar marcas durante a infância, podendo ainda ocasionar a produção de consequências

futuras as quais desencadeiam os transtornos psicológicos, apresentando dano à vítima, visto que o abuso, privação, violência física e a negligência são formas de agressões que afetam tanto o desenvolvimento social quanto o emocional na vítima. Do ponto de vista psicodinâmico, o trauma envolve acontecimentos na vida do indivíduo que implicam em quantidade de excitações que superam a sua habilidade de tolerar e elaborar psiquicamente. Assim, os cuidados primários são essenciais para a estruturação psíquica e aquisição de habilidades de regulação afetiva, capacidade reflexiva e autonomia. **Objetivos:** O objetivo do presente estudo foi compreender a natureza da relação dos traumas psicológicos vivenciados na primeira infância, e o desenvolvimento de transtornos mentais na vida adulta. **Métodos:** foi utilizado o método de revisão sistemática de artigos científicos, onde a busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados National Library of Medicine (PubMed), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Os textos foram procurados em junho de 2021, a partir dos descritores: “early childhood”, “psychological traumas”, “mental disorders”, “psychological disorders”, “mental health”, utilizando o operador booleano “AND”. **Resultados e discussão:** foram selecionados 12 artigos, publicados nos últimos 5 anos em inglês, e espanhol. Os artigos selecionados abordam aspectos em relação aos traumas psicológicos sofridos na primeira infância e o desenvolvimento de transtornos mentais na vida adulta. Assim, o trauma psicológico infantil ocorre em diversas ocasiões, mais notavelmente ocasionado por eventualidades como abuso, negligência, violência, desastres naturais ou acidentes. Sendo que a partir desses eventos condutores, a criança pode desencadear transtorno de depressão, ansiedade e estresse pós-traumático na infância ou na vida adulta. Dessa forma, as adversidades na primeira infância contribuem para alterações funcionais das regiões do cérebro que correspondem a funcionalidade de um bom estado mental levando ao desenvolvimento de transtornos mentais. **Conclusão:** Constata-se assim, a relevância da investigação de traumas na primeira infância, pois os artigos selecionados evidenciam a associação dos mesmos com transtornos mentais na vida adulta.

PALAVRAS-CHAVE: Criança; Adversidades infância; Transtorno; Saúde mental.

THE RELATIONSHIP BETWEEN PSYCHOLOGICAL TRAUMA IN EARLY CHILDHOOD AND THE DEVELOPMENT OF MENTAL DISORDERS IN ADULT LIFE

ABSTRACT: Childhood trauma may or may not leave marks during childhood, and may also lead to the production of future consequences which trigger psychological disorders, causing harm to the victim, since abuse, deprivation, physical violence and neglect are forms of aggression that affect both social and emotional development in the victim. From a psychodynamic point of view, trauma involves events in the individual's life that imply a quantity of excitement that surpasses his ability to tolerate and elaborate psychically. Thus, primary care is essential for the psychic structuring and acquisition of affective regulation skills, reflective capacity and autonomy. **Objectives:** the purpose of this study was to understand the nature of the relationship between psychological trauma experienced in early childhood and the development of mental disorders in adult life. **Methods:** the method of systematic review of scientific articles was used, where the bibliographic search was performed in the National Library of Medicine (PubMed), Scientific Electronic Library Online (SciELO)

and Latin American and Caribbean Health Sciences (LILACS) databases. The texts were searched in June 2021, using the descriptors: “early childhood”, “psychological traumas”, “mental disorders”, “psychological disorders”, “mental health”, using the Boolean operator “AND”. **Results and discussion:** in which they were 12 articles were selected, published in the last 5 years in English and Spanish. The selected articles address aspects related to psychological trauma suffered in early childhood and the development of mental disorders in adulthood. Thus, childhood psychological trauma occurs on several occasions, most notably caused by contingencies such as abuse, negligence, violence, natural disasters or accidents. Based on these leading events, the child can trigger depression, anxiety and post-traumatic stress disorder in childhood or adulthood. Thus, adversity in early childhood contributes to functional changes in brain regions that correspond to the functionality of a good mental state, leading to the development of mental disorders. **Conclusion:** it turns out, the relevance of the investigation of trauma in early childhood is verified, as the selected articles show their association with mental disorders in adult life.

KEYWORDS: Kid; Childhood adversities; Disorder; Mental health.

1 | INTRODUÇÃO

Saúde mental para a OMS (2016) refere-se a um bem estar no qual o indivíduo desenvolve suas habilidades pessoais, consegue lidar com os estresses da vida, trabalha de forma produtiva e encontra-se apto a dar sua contribuição para sua comunidade. Em relação às crianças, a saúde mental implica em pensar os aspectos do desenvolvimento, tais como: ter um conceito positivo sobre si, ter tanto habilidades para lidar com seus pensamentos e emoções, quanto para construir relações sociais, tendo uma atitude de se abrir para aprender e adquirir educação. A Fotografia social disso mostra que, 10% da população mundial sofre com algum transtorno mental, e o Brasil é o segundo país das Américas com maior número de pessoas depressivas (5,8% da população) além disso, ocupa o primeiro lugar na prevalência de casos de ansiedade.

O Ministério da Saúde divulgou os dados de uma pesquisa feita entre 23 de abril e 15 de maio de 2020 sobre saúde mental da população (análise de 17.491 indivíduos com idade média de 38,3 anos, variando entre 18 e 92 anos) durante a pandemia da Covid-19. Teve como resultados nessa primeira etapa uma elevada proporção de ansiedade (86,5%); uma moderada presença de transtorno de estresse pós-traumático (45,5%); e uma baixa proporção de depressão (16%) em sua forma mais grave.

É importante salientar que as conexões de neurônios (sinapses) começam a se formar no útero e desenvolvem-se de maneira crescente após o nascimento. Setecentas mil novas conexões por segundo são criadas durante os primeiros 5 anos de vida. É na primeira infância (0-6 anos) onde ocorre maior plasticidade neural que é a capacidade de constante remodelação não só da função, como da estrutura do cérebro, influenciada por experiências ao longo da vida. Assim sendo, a habilidade do cérebro em reagir aos estímulos estressantes é fortemente influenciado a partir de seu desenvolvimento nos

primeiros anos. (Melo et al, 2007).

Dentre esses estímulos, pode-se citar a violência infantil, caracterizada por maus-tratos físicos e/ou emocionais, abuso sexual, negligência, exploração comercial e qualquer tipo de negligência/abuso que acarrete em prejuízos reais ou potenciais para a saúde, sobrevivência, desenvolvimento ou dignidade da criança no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança ou poder (OMS, 2016).

O trauma psicológico infantil, pode ou não deixar marcas durante a infância, podendo ainda ocasionar a produção de consequências futuras as quais desencadeiam os transtornos mentais, apresentando dano à vítima, visto que o abuso, privação, violência física e a negligência são formas de agressões que afetam tanto o desenvolvimento social quanto o emocional na vítima (Heinonem, E. et al, 2018).

Do ponto de vista psicodinâmico, o trauma envolve acontecimentos na vida do indivíduo que implicam em quantidade de excitações que superam a sua habilidade de tolerar e elaborar psiquicamente. Como seres em desenvolvimento, as crianças são mais suscetíveis a este tipo de evento. Assim, os cuidados primários são essenciais para a estruturação psíquica e aquisição de habilidades de regulação afetiva, capacidade reflexiva e autonomia (Waikamp, V. et al, 2018).

Em contrapartida, vivências traumáticas e falhas graves nas relações precoces podem interromper ou alterar o curso do desenvolvimento saudável, levando à falta de confiança nos objetos e à diminuição de recursos psicológicos. Com capacidade diminuída para representar simbolicamente as suas experiências, o indivíduo se torna mais vulnerável ao sofrimento psicológico (Waikamp, V. et al, 2018).

Outrossim, diversos transtornos podem ser desenvolvidos durante a vida adulta, como relata estudos no qual refere a obesidade adulta como uma consequência tardia de certos traumas psicológicos graves experimentados durante a infância (Quilliot, et al. 2019). Ademais, as adversidades da infância e sua maior duração, frequência e gravidade têm sido associadas a doenças psiquiátricas mais graves e crônicas perturbações, que por sua vez exigem tratamentos a longo prazo, sendo as de maior associação os abusos físicos e sexuais contra as crianças (Heinonen, E. et al, 2018).

Em conferência promovida pelo Instituto Nacional da Saúde da Criança e Desenvolvimento Humano, em 1989, o painel de revisão das pesquisas até então disponíveis sobre o assunto, recomendou que o mau-trato (abuso) fosse definido como comportamento em relação a uma outra pessoa, que (a) extrapola as normas de conduta, e (b) acarreta risco substancial de causar danos físicos ou emocionais. Explica ainda que tais comportamentos podem consistir de ações ou omissões, tanto intencionais como involuntárias. O termo mau-trato da criança refere-se a um amplo espectro de comportamentos que oferece risco ao bem estar físico ou emocional da criança e do adolescente com menos de 18 anos de idade, classificados em quatro categorias gerais: Abuso físico; Abuso sexual; Negligência; Abuso emocional (Fonte, R. 2019).

Os traumas psicológicos causam sofrimento à crianças e as famílias e podem ter consequência a longo prazo. Maus-tratos causam estresse associado a prejuízo no desenvolvimento do sistema nervoso e imunológico. Consequentemente quando adultos a vítimas correm um risco maior de problemas de saúde comportamental, física e mental tais como: perpetrar ou ser vítima de violência, ansiedade, depressão, tabagismo, obesidade, comportamentos sexuais de alto risco, gravidez indesejada, abuso de álcool e drogas (Bio, D. 2018).

Sabe-se também que as consequências do trauma e da violência contra crianças e adolescentes não se restringem ao âmbito da saúde dos indivíduos, mas também podem retardar o desenvolvimento econômico e social de um país (OMS, 2016).

A razão de pesquisar episódios traumáticos na infância e transtornos mentais na vida adulta, na perspectiva infantil se justificam pela possibilidade de se adentrar no estudo desse tema ainda tão pouco abordado com crianças, tanto por ser considerado um tabu como por não considerar a criança como um ser dotado de percepções, imaginação, sentimentos e de curiosidade natural que a faz perceber e entender o mundo a sua volta.

Assim, esse estudo possui como objetivo analisar com base na literatura os traumas sofridos na primeira infância e a repercussão dos transtornos mentais na vida adulta, sendo levado em consideração o desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social dos indivíduos.

2 | OBJETIVOS

O objetivo do presente estudo foi avaliar a relação dos traumas psicológicos vivenciados na primeira infância, e o desenvolvimento de transtornos mentais na vida adulta. E fornecer direcionamento para a prática clínica e para a política de saúde pública sobre esta temática.

3 | METODOLOGIA

Foi utilizado o método de revisão integrativa de artigos científicos. E baseado na temática e no objetivo do estudo o acrônimo PICO (onde, P= bebês e crianças de 0 a 7 anos, I= traumas psicológicos, C= não exposição a traumas psicológicos e O= transtornos mentais) foi utilizado e definido a questão norteadora (Bebês e crianças que sofrem traumas na infância, tem maior probabilidade de desenvolver transtornos mentais quando adulto?) da revisão integrativa. Para a busca bibliográfica, foram utilizadas as bases de dados PubMed, Scielo e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), por disponibilizarem grande quantidade de conteúdos em distintas área da saúde. Os textos foram procurados em junho de 2021, a partir dos descritores: “early childhood”, “psychological traumas”, “mental disorders”, “psychological disorders”, “mental health”, utilizando o operador booleano “AND”. Foram incluídos artigos científicos publicados

nos últimos 5 anos, estudos observacionais (coorte, corte-transversal, caso controle), ensaios clínicos, teste controlado, estudo multicêntrico, relatos de casos, em humanos e escritos em português, inglês e espanhol. Foram excluídos artigos de revisão sistemática ou integrativa, estudo *in vitro* e em animais. Os níveis de evidência dos registros eleitos foram determinados com base na classificação adaptada de Silva et al, 2015, onde nesta revisão, foi empregado o sistema de classificação composto de sete níveis, sendo: nível I – evidências oriundas de revisões sistemáticas ou metanálise de relevantes ensaios clínicos; nível II – evidências derivadas de pelo menos um ensaio clínico randomizado controlado bem delineado; nível III – ensaios clínicos bem delineados, sem randomização; nível IV – estudos de coorte e de caso-controle bem delineados; nível V – estudos de corte transversal; nível VI – estudos de relato de caso; e nível VII – opinião de autoridades ou relatório de comitês de especialistas. Após estabelecimento do *corpus*, os artigos foram lidos na íntegra e os dados foram extraídos e adicionadas em tabelas. O processo permitiu visualizar os resultados das pesquisas a fim de conhecer a relação entre os traumas psicológicos na infância e o desenvolvimento de transtornos mentais na vida adulta.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, foram obtidos 1703 textos: 1693 no PubMed, 8 no Scielo e 2 na Lilacs. Após considerar os critérios de exclusão, restaram 59 artigos do PubMed, 2 do Scielo. Entretanto, sem os textos duplicados, foram selecionados 28 artigos para leitura completa do *abstract*. Quando o resumo mostrou-se pertinente ao objetivo da pesquisa, o trabalho foi lido na íntegra. Por fim, foram selecionados 11 textos do PubMed e 1 da Scielo, reduzindo o *corpus* a 12 artigos científicos, como mostra a Figura 1 e Quadro 1.

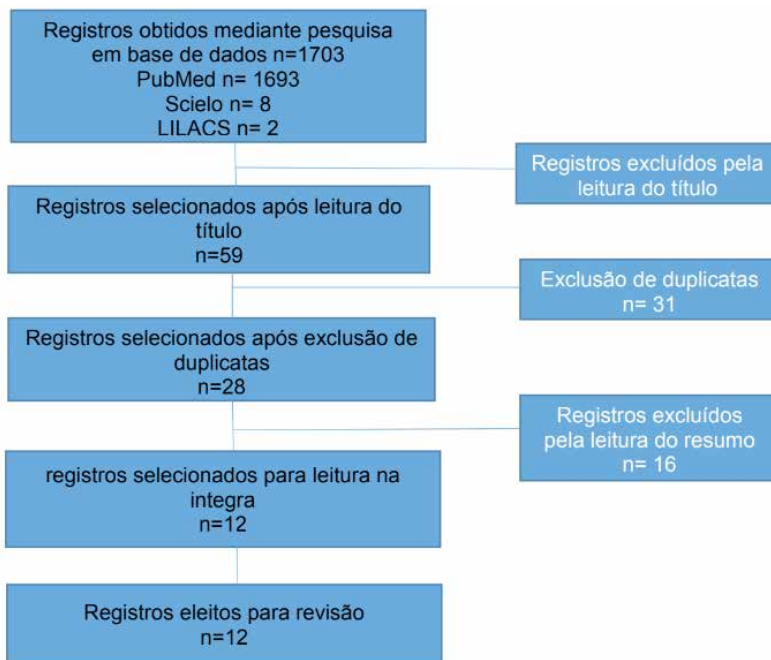


Figura 1. Fluxograma do número de registro encontrados e selecionados após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão.

| TÍTULO | AUTOR/ANO | IDIOMA | TIPO DE ESTUDO | Níveis de evidências | Traumas e transtornos | Principais traumas | Principais transtornos |
|--|---|----------|-----------------------------|----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------------|
| Repercusiones del trauma en la infancia en la psicopatología de la vida adulta | Waikamp, V; Barcellos Serralta, F. 2018 | Espanhol | Estudo de corte transversal | Nível V | Sim | Negligência emocional | Transtorno Depressivo Maior |
| Influence of childhood trauma on diagnosis and substance use in first-episode psychosis | Tomassi, S; et al. 2017 | Inglês | Ensaio clínico randomizado | Nível II | Sim | Abuso sexual | Transtorno de personalidade |
| Adult psychosocial outcomes of men and women who were looked-after or adopted as children: prospective observational study | Teyhan, A; Wijedasa, D; Macleod, J.; 2017 | Inglês | Estudo de coorte | Nível IV | Sim | Separação | Uso de substâncias |

| | | | | | | | |
|--|---|--------|----------------------------|----------|-----|-----------------------|---------------------------------|
| Childhood sexual abuse predicts treatment outcome in conversion disorder/functional neurological disorder. An observacional longitudinal study | Cornelis, C. M. V. der F; et al. 2020 | Inglês | Estudo de coorte | Nível IV | Sim | Abuso sexual | Transtorno de conversão |
| Associations of early childhood adversities with mental disorders, psychological functioning, and suitability for psychotherapy in adulthood | Heinonen, E; et al. 2018 | Inglês | Estudo de coorte | Nível IV | Sim | Abuso sexual | Transtorno Depressivo Maior |
| Links between traumatic experiences in childhood or early adulthood and lifetime binge eating disorder | Quilliot; Didier; et al. 2019 | | Estudo de coorte | Nível IV | Sim | Negligência emocional | Transtorno compulsivo alimentar |
| Childhood adversities and psychotic symptoms: the potential mediating or moderating role of neurocognition and social cognition | Mansueto, G; et al. 2018 | Inglês | Estudo de coorte | Nível IV | Sim | Abuso físico | Transtornos da neurocognição |
| Negative schema and rummations as mediators of the relationship Between Childhood Trauma and Recent Suicidal Ideation in Patients With Early Psychosis | Yong-Chun Bahk, Seon-Kyeong Jang; Kee-Hong Choi; Seung-Hwan Lee. 2017 | Inglês | Estudo de coorte | Nível IV | Sim | Abuso sexual | Transtorno Depressivo Maior |
| Child abuse and Neglect as Risk Factors for Comorbidity Between Depression and Chorinic Pain in Adulthood | Macedo Brisa Burgos Dias; at al. 2019 | Inglês | Ensaio clínico randomizado | Nível II | Sim | Negligência emocional | Transtorno Depressivo Maior |

| | | | | | | | |
|--|------------------------------------|--------|------------------|----------|-----|--------------|--------------------------------------|
| A network Approach to Psychosis: Pathways Between Childhood Trauma and Psychotic Symptoms | Isvoranu, Adela-Maria; et al. 2016 | Inglês | Estudo de coorte | Nível IV | Sim | Abuso físico | Transtorno de Ansiedade Generalizada |
| Psychological factors intervening between childhood trauma and suicidality in first-episode psychosis | Yin Cui; et al. 2020 | Inglês | Estudo de coorte | Nível IV | Sim | Abuso sexual | Transtorno Depressivo Maior |
| Working through childhood trauma-related interpersonal patterns in psychodynamic treatment: An evidence-based case study | Nieuwenhove, K. V. et al. 2020 | Inglês | Relato de caso | Nível VI | Sim | Abuso físico | Transtorno Ansiedade Generalizada |

Quadro 01-Perfil das produções científicas quanto ao número, base de dados, título, ano, idioma e tipo de estudo, nível de evidências, traumas e transtornos, principais traumas e principais transtornos.

Fonte: Pacheco, 2021.

Os artigos selecionados abordam aspectos em relação aos traumas psicológicos sofridos na primeira infância e o desenvolvimento de transtornos mentais na vida adulta. Assim, os 12 textos estão divididos da seguinte forma: oito estudos de coorte, um corte transversal, dois ensaios clínicos randomizados e um relato de caso (Tabela 1).

| Delineamento | Nº artigos | % artigos |
|----------------------------|-------------------|------------------|
| Coorte | 8 | 67% |
| Corte | 1 | 9% |
| Ensaio clínico randomizado | 2 | 16% |
| Relato de caso | 1 | 9% |

Tabela 1. Delineamento dos registros eleitos.

Ademais, quanto ao nível de evidência, 17% dos artigos selecionados foram classificados no nível II, 67% no nível IV, 8% no nível V e 8% no nível VI (Tabela 2).

| Nível de evidência | Nº Artigos | % Artigos |
|---------------------------|-------------------|------------------|
| Nível II | 2 | 17% |
| Nível IV | 8 | 67% |
| Nível V | 1 | 8% |
| Nível VI | 1 | 8% |

Tabela 2. Níveis de de evidência dos registros eleitos.

Em relação ao número(n) amostral de indivíduos envolvidos nos estudos, foi verificado que o n amostral variou de 1 a 12429 indivíduos e uma média amostral de 1404 pacientes.

Nessa análise, 100% dos artigos eleitos indicam que traumas psicológicos sofridos na primeira infância favorecem o desenvolvimento de transtornos mentais. Entre os principais traumas psicológicos listados estão: negligência emocional (25%), abuso emocional (9%), abuso sexual (33%), abuso físico (25%), violência doméstica (8%). E os principais transtornos mentais observados no estudo foram: transtorno depressivo maior (43%), transtorno de ansiedade generalizada (17%), transtorno compulsivo alimentar (8%), transtorno de conversão (8%), transtornos da neurocognição (8%), transtorno de personalidade (8%) e uso de substâncias (8%) como mostra a (Tabela 3).

| Principais traumas psicológicos | n (%) | Principais transtornos mentais | n (%) |
|--|--------------|---------------------------------------|--------------|
| Negligência emocional | (25%) | Transtornos Ansiedade Generalizada | 2 (17%) |
| Abuso emocional | (9%) | Transtorno Depressivo Maior | 5 (43%) |
| Abuso sexual | (33%) | Transtorno de Conversão | 1 (8%) |
| Abuso físico | (25%) | Transtorno Compulsivo Alimetar | 1 (8%) |
| Separação | (8%) | Transtornos da Neurocognição | 1 (8%) |
| | | Transtorno de Personalidade | 1 (8%) |
| | | Uso de substâncias | 1 (8%) |

Tabela 3. Principais traumas psicológicos relatados na infância e principais transtornos na idade adulta.

O trauma psicológico infantil ocorre em diversas ocasiões, mais notavelmente ocasionado por eventualidades como abuso, negligência, violência, desastres naturais ou acidentes (Tomassi et al, 2017). Sendo que a partir desses eventos condutores, a criança pode desencadear transtorno de depressão, ansiedade e estresse pós-traumático na infância ou na vida adulta. Essas consequências afetam a maturação do cérebro que desregula a função fisiológica, dificultando a captação e o processamento das informações na primeira infância, os quais podem influenciar em sua vida adulta (Cornelis et al, 2020).

Mansueto et al, (2018) nos seus estudos elencou os traumas na infância que são: negligência física (falha do provedor em fornecer necessidades básicas para um criança),

negligência emocional (fracasso das necessidades emocionais e psicológicas básicas do cuidador para a criança), abuso físico (agressão física a uma criança), abuso emocional (agressões verbais), abuso sexual (contato sexual indesejado ou conduta entre uma criança e um adulto). Na presente revisão a análise dos artigos eleitos mostrou que negligência emocional, abuso físico, abuso emocional, abuso sexual, e separação são os principais traumas relatados na infância com 25%, 9%, 33%, 25% e 8% respectivamente.

Assim, as adversidades na primeira infância contribuem para alterações funcionais das regiões do cérebro como a junção temporoparietal, córtex cingulado posterior, e o pré-dorsomedial córtex frontal que são essenciais para um estado mental eficaz. Deficiências neurocognitivas foram encontradas em pacientes psicóticos com histórico de abuso na infância, e cognitivos sociais mais pobres foi observado naqueles expostos à negligência infantil. (Mansueto et al, 2018).

De acordo com os estudos de o abuso sexual é um dos principais fatores para os transtornos mentais na vida adulta, sendo que quando ocorre na infância e até mesmo na adolescência, há uma maior assimilação dos acontecimentos os quais dificultam e causam complicações no processo do desenvolvimento cognitivo, e com isso pode-se acometer vários traumas psicológicos e transtornos mentais e ocasionar sérios danos tanto na infância quanto na fase adulta (Cornelis et al, 2020)

Dessa forma, a violência psicológica provoca trauma infantil sendo ocasionada no ambiente social, acarretando desrespeito, conflito familiar e a negligência dos responsáveis (Cui et al, 2020). Assim, o psicológico da criança é afetado, deixando consequências da ação cometida. Esse efeito derivado pela violência não deixa marcas físicas sendo observada alteração comportamental, cognitiva, social. Todavia os traumas adquiridos na infância podem ser vivenciados na vida adulta, levando a vítima ao pensamento suicida devido a evolução do transtorno depressivo maior (Bahk et al, 2016).

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5ª edição, American Psychiatric Association, 2013) os transtornos estão divididos em: transtornos do neurodesenvolvimento, espectro da esquizofrenia e outros transtornos psicóticos, transtorno bipolar, transtornos depressivos, transtornos de ansiedade, transtorno obsessivo compulsivo, trauma e transtornos relacionados ao estresse, transtornos dissociativos, sintomas somáticos, transtornos alimentares e disfunções sexuais, disforia de gênero, transtornos paralíticos, transtornos relacionados a substâncias, transtornos neurocognitivos, transtornos de personalidade. Nessa revisão pode-se constatar como principais transtornos mentais: Transtorno Ansiedade Generalizada (17%), Transtorno Depressivo Maior (43%), Transtorno de Conversão (8%), Transtorno Compulsivo Alimentar (8%), Transtornos da Neurocognição (8%), Transtornos de Personalidade (8%) e uso de substâncias (8%).

Assim, esse eventos traumáticos aumentam a vulnerabilidade individual para o desenvolvimento de transtornos físicos e mentais, principalmente depressão. No estudo é possível observar que pacientes que tiveram traumas na infância apresentavam sintomas

depressivos mais graves associados a dor crônica, aumentando o risco em até quatro vezes. (Macedo et al, 2019).

Desse modo, as consequências mais comuns causadas pelo trauma infantil são a depressão, ansiedade e o estresse pós-traumático. Sendo a depressão causada por perda de algo ou ocorrência vívida, causando-lhe sofrimento, tristeza, solidão, sensibilidade e irritabilidade (Waikamp e Barcellos (2018). Já a ansiedade afeta o estado de humor, estado físico e emocional causando alteração no comportamento e cujos atos de agitação em crianças ansiosas descrevem um momento grave (Teyhan et al, 2018). Já o transtorno do estresse pós-traumático é ocasionado por experiência vivida desagradavelmente e causa dificuldade na recuperação. Um acontecimento traumático se apresenta por desastres, agressões ou ameaças (Cornelis et al, 2020).

Outrossim os transtornos alimentares e a obesidade compartilham certos fatores biológicos e ambientais, bem como fenótipos genéticos, comportamentais e neurocognitivos intermediários. Então os padrões de apego podem desempenhar um papel mediador na relação entre trauma e transtornos alimentares, associados a chances duplicadas de desenvolver depressão, destacando a estreita relação dos traumas na primeira infância, esquema negativo e ruminação, com o desenvolvimento de transtorno compulsivo alimentar periódico, levando pacientes a desenvolverem obesidade na vida adulta. Porém, os mecanismos subjacentes que ligam o abuso infantil ao índice de massa corporal superior ao normal na idade adulta não são conhecidos. (Quilliot et al, 2019). Em consonância com os relatos acima mencionados 100% dos registros eleitos para compor o *copus* do presente estudo, mostrou uma relação entre traumas na primeira infância e desenvolvimento de transtornos mentais quando adulto.

Além disso, pode-se observar que as dificuldades de comunicação, assim como de interação social, possuem uma estreita relação com as vivências traumáticas ocorridas na infância. Todavia, ocasionam evidências traumáticas, havendo a necessidade da realização de terapias, objetivando a ressocialização dos indivíduos, contribuindo para a superação dos traumas (Nieuwenhove et al, 2020)

É importante informar e conscientizar a família sobre os reflexos do ambiente familiar sobre a saúde física e mental da criança e do futuro adulto. E além disso é relevante mencionar, a importância do cuidado com os traumas infantis tendo como meta uma sociedade formada por cidadãos com boa saúde mental.

5 | LIMITAÇÕES

As principais limitações encontradas durante a realização da elaboração da presente revisão, foram o número restrito de registros que abordassem de maneira plena o objetivo de estudo, a grande variação do n amostral e falta de informações dos instrumentos utilizados para o diagnóstico de traumas e transtornos.

6 | CONCLUSÃO

Um número considerável de pacientes busca atendimento psicológico na vida adulta por problemas atuais que podem ter relação causal direta ou indireta com traumas do passado. Constata-se assim, a relevância da investigação de traumas na primeira infância, pois os artigos selecionados evidenciam a associação dos mesmos com transtornos mentais na vida adulta, já que, todos os estímulos na criança possuem uma importância maior e reverberam de maneira mais intensa. Dentre esses transtornos, o Transtorno de Ansiedade Generalizada, Transtorno de Depressivo Maior e o Transtorno Compulsivo Alimentar, estão entre os mais comuns.

Assim, se faz necessário um cuidado redobrado sobre as vivências na infância, pois a bagagem emocional que esse futuro adulto irá carregar consciente ou inconscientemente irão influenciar no surgimento ou não de transtornos mentais. Bem como, a investigação na anamnese para entender causas e atuar com conduta e manejo necessários individualizados para aquele paciente, para então proporcioná-lo uma qualidade de vida melhor.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

Banl, Y. C; Jang, S. K; Choi, K. H. & Lee, S. H. (2017). **Negative schema and ruminations as mediators of the relationship Between Childhood Trauma and Recent Suicidal Ideation in Patients With Early Psychosis**. National Library of Medicine – PubMed. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28096873/>. Acessado em: 21 de junho de 2021.

Bio, Danielle. (2018). **A associação entre traumas na infância, funcionamento cognitivo e morfologia cerebral em pacientes com transtorno bipolar tipo I**. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-08052019-102007/publico/DanielleSoaresBioVersaoCorrigida.pdf>. Acessado em 27 de junho de 2021.

Cornelis, C. M. V. der F; Allen, S. F; Sluijs, J. F. V. E. van der. (2020). **Childhood sexual abuse predicts treatment outcome in conversion disorder/functional neurological disorder. An observacional longitudinal study**. Brain and Behavior published by Wiley Periodicals, PubMed. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32031757/>. Acessado em: 21 de junho de 2021.

Cui, Y; Piao, Y.H; Kim, S. W; Lee, B. J; Kim, J. J; Yu, J. C; Lee, K. Y; Won, S. H; Lee, S. H; Kim, S. H; Kang, S. H; Kim, E; Kim, N. & Chung, Y. C. (2020). **Psychological factors intervening between childhood trauma and suicidality in first-episode psychosis**. National Library of Medicine – PubMed. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32980715/>. Acessado em: 21 de junho de 2021.

Fonte, Rebecca. (2017). **Os reflexos da infância na vida adulta: uma revisão de literatura**. Disponível em: link. Acesso em: 25 de junho de 2021.

Heinonem, E; Knekt, P; Härkänen, T. Virtala, E. & Lindofors, O. (2018). **Associations of early childhood adversities with mental disorders, psychological functioning, and suitability for psychotherapy in adulthood.** National Library of Medicine – PubMed. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29677619/>. Acessado em: 21 de junho de 2021.

Isvoranu, A. M; Borkulo, C. D. van; Boyette, L. L; Wigman, J. T; Vinkers, C. H. & Borsboom, D. (2017). **A network Approach to Psychosis: Pathways Between Childhood Trauma and Psychotic Symptoms.** National Library of Medicine – PubMed, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27165690/>. Acessado em: 21 de junho de 2021.

Macedo, B. B. D; Baes, C. von W; Menezes, I. C. & Juruena, M. F. (2017). **Child abuse and Neglect as Risk Factors for Comorbidity Between Depression and Chronic Pain in Adulthood.** National Library of Medicine – PubMed. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31192794/>. Acessado em: 21 de junho de 2021.

Mello, M. F., Mello A. A., & Kohn, R. (Orgs.). (2007). **Epidemiologia da saúde mental no Brasil. Porto Alegre, Brasil: Artmed.**

Mansueto, G; Schruers, K; Cosci, F & Os, J. V. (2019). **Childhood adversities and psychotic symptoms: The potential mediating or moderating role of neurocognition and social cognition.** National Library of Medicine – PubMed. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30527930/>. Acessado em: 21 de junho de 2021.

Ministério da Saúde. Abuso sexual é o 2º maior tipo de violência. (2012). Recuperado em 10 de Julho, 2017, de <http://www.blog.saude.gov.br/index.php/promocao-dasaude/30223-abuso-sexual-e-o-segundo-maior-tipo-de-violencia>. Acessado em 23 de junho de 2021.

Nieuwenhove, K. V; Truijens, F; Meganck, R; Cornelis, S. & Desmet, M. (2020). **Working through childhood trauma-related interpersonal patterns in psychodynamic treatment: An evidence-based case study.** National Library of Medicine – PubMed. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30714790/>. Acessado em: 21 de junho de 2021.

Organização Mundial da Saúde (OMS). (2016). **Maus tratos infantis.** Recuperado de: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs150/en/>. Acessado 23 de junho de 2021.

Quilliot, D; Brunaud, L; Mathieu, J; Quenot, C; Sirveaux, M. A; Kahn, J. P; Ziegler, O. & Witkowaki, P. (2019). **Links between traumatic experiences in childhood or early adulthood and lifetime binge eating disorder.** National Library of Medicine – PubMed. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31082748/>. Acessado em: 21 de junho de 2021.

Silva, Q; Canini, S; Silveira R; Dessotte C; Campos, F; (2015). **Fatores de risco para mediastinite após revascularização do miocárdio.**

Teyhan, A; Wijedase, D. & Macleod John. (2018). **Adult psychosocial outcomes of men and women who were looked-after or adopted as children: prospective observational study.** National Library of Medicine – PubMed. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29439075/>. Acessado em: 21 de junho de 2021.

Tomasse, S; Tosato, S; Mondelli, V; Faravelli, C; Lasalvia, A; Fioravanti, G; Bonetto, C; Fioritti, A; Cremonese C; Parrino R. L; Santi, K. de; Meneghelli, A; Torresani, S; Girolamo, G. de; Semrov, E; Pratelli, M; Cristofalo, D & Ruggeri, M. (2017). **Influence of childhood trauma on diagnosis and substance use in first-episode psychosis.** The British Journal of Psychiatry. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28729356/>. Acessado em: 21 de junho de 2021.

Waikamp, V. & Barcellos, F. S. (2018). **Repercussões do trauma na infância na psicopatologia da vida adulta.** Cienc. Psicol. 2018. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1688-42212018000100137&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acessado em: 21 de junho de 2021.

QUANDO A DEPRESSÃO ADENTRA O TEMPLO

Data de aceite: 01/09/2021

Data de submissão: 23/07/2021

Wanessa Azevedo Sousa

Faculdade de Ensino Superior do Piauí – FAESPI
Teresina-PI
<http://lattes.cnpq.br/8574574534430924>

Salma Suellen Ingelsrud Leal.

Faculdade de Ensino Superior do Piauí – FAESPI
Teresina-PI
0000-0002-6086-6151

Érica Vanessa Rodrigues da Silva

Faculdade de Ensino Superior do Piauí – FAESPI
Teresina-PI
<http://lattes.cnpq.br/8162466247750804>

Ruth Raquel Soares de Farias

Faculdade de Ensino Superior do Piauí – FAESPI
Teresina-PI
<http://lattes.cnpq.br/7546441925505076>

RESUMO: O papel das crenças religiosas na influência da saúde mental ainda é um processo em construção, apesar da longa jornada como temática de pesquisa. É inquestionável os sintomas depressivos em contexto religioso, por isso é necessário investigar a relação das crenças religiosas no enfrentamento da depressão. Este artigo verificou as crenças religiosas diante dos sintomas depressivos e a relação que exerce na saúde mental do religioso. Procurou-se especificamente investigar o direcionamento religioso frente aos sintomas

depressivos, expor a adesão ao tratamento na comunidade religiosa, como também estudar a religiosidade e a igreja como suporte. Realizou-se uma revisão sistemática utilizando-se a base de dado Pub Med, SciELO e Lilacs. A pesquisa resulta na influência positiva e negativa diante da percepção da depressão, que é vista como desequilíbrio químico, mas também espiritual ocasionando barreiras no tratamento.

PALAVRAS-CHAVE: Crenças religiosas; espiritualidade; saúde mental; depressão; religiosidade.

WHEN DEPRESSION ENTERS THE TEMPLE

ABSTRACT: The role religious beliefs in influencing mental health is still a ongoing process, despite the long Journey as a research theme. The depressive symptoms in a religious contexto are unquestionable, that is why it is necessary to investigate the relationship of religious beliefs in coping with depression. This article verified religious beliefs in the face of depressive symptoms and the relationship they exert on the mental health of the religious. It was specifically sought to investigate the religious orientation towards depressive symptoms, expose adherence to treatment in the religious community, as well as study religiosity and the church as support. A systematic review was carried out using the Pub Med, SciELO and Lilacs databases. The research results in a positive and negative influence on the perception of depression, which is seen as a chemical imbalance, but also a spiritual one, causing barriers in the treatment.

KEYWORDS: Religious beliefs; spirituality; mental health; depression; religiousness.

1 | INTRODUÇÃO

Segundo a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10 (OMS, 1998), a Depressão é uma enfermidade do transtorno do humor, e é considerada uma doença. Alastra-se de forma devastadora.

Atualmente, a Depressão encontra-se como uma das doenças que mais preocupam os profissionais da saúde, já que a mesma é considerada uma questão de saúde pública que requer atenção especial, como supõe Lima (1999) ao informar que pessoas com sintomas depressivos se consultam mais que pessoas assintomáticas, o que leva a custos altos de assistência médica, tempo de trabalho perdido e principalmente a diminuição da qualidade de vida.

De acordo com Porto (1999), a Depressão tem sido empregada para designar um estado afetivo (tristeza), um sintoma, uma síndrome ou várias doenças. A Depressão é compreendida como um transtorno do humor que gera sentimentos de desânimo, cansaço mental, irritabilidade, choro, angústia, entre outros.

Vale ressaltar que a complexidade do conceito de Depressão se estende dentro das áreas da Psicologia e Psiquiatria. De acordo com Matias (2014), na Psiquiatria, por exemplo, a Depressão tem relação com o desequilíbrio no cérebro; na Psicologia é resultado de fraturas e feridas na alma diante de eventos traumáticos.

Entende-se o fenômeno como uma psicopatologia de natureza complexa, que anseia o olhar de distintas áreas para que conectadas possam se unir em conhecimentos. Este ser humano ainda mais imensurável e estudado como indivíduo biopsicossocial espiritual necessita de todos esses olhares de múltiplos saberes.

Diante dessa psicopatologia que acomete tantos indivíduos, observa-se que sempre existiu uma relação entre as doenças e a religião. Na visão humana, as duas têm uma linha tênue. Isso é visto em muitas religiões, onde defende-se que as doenças relacionam-se com a ausência de fé, pecado ou transgressão.

Assim, demonizar as doenças psicológicas sem um conhecimento de causa gera transtornos para esta comunidade, o que poderá protelar o sofrimento em indivíduos depressivos, por exemplo, que são predispostos a fatores genéticos e hereditários.

Para o homem primitivo, a doença era devida à influência dos deuses ou demônios; para os hebreus era uma punição imposta por lavé quando se desviavam do caminho de Deus; nos Salmos de Davi, existe clara relação entre depressão e pecado. A relação entre sentimento religioso e depressão permaneceu basicamente inalterada através da história do homem. Nesta relação, existe uma casualidade entre depressão e divindades, demônios, pecado ou falta de fé. Estas associações estão tão intimamente arraigadas no homem que ainda o influenciam. (DEUS, 2008, p.15).

O objetivo da pesquisa foi verificar as crenças religiosas referentes aos sintomas depressivos. Procurou-se investigar o direcionamento religioso frente aos sintomas depressivos, expor a adesão ao tratamento na comunidade religiosa, como também estudar a igreja e a religiosidade como suporte em saúde mental.

Infere-se que a ausência de preocupação quanto a informação científica pela doença pode influenciar nos preconceitos e na forma de lidar com os portadores de tal transtorno, como também a resistência na adesão ao tratamento médico

A relevância social do artigo se faz não por meio apenas da escassa quantidade de pesquisas sistemáticas sobre essa temática específica, mas também por meio da importância do estudo da percepção e crenças religiosas a respeito da doença, produzindo conhecimento para orientação de uma melhor saúde mental entre seus pares, profissionais da saúde e líderes religiosos.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

A Depressão poderia ser uma doença que surgiu na Era Contemporânea? Até poderia, todavia não é o que a própria História nos relata. É necessário atentar-se para a mudança nos tempos como também para sua evolução ao decorrer da História.

No início era melancolia
Entre os filósofos da estação
Depois espírito de tristeza,
Loucura, possessão, maldição...
Ao decorrer da História lida
Não fez entre gente acepção;
Para os crentes: Charles Spurgeon,
O príncipe da pregação;
Para os cômicos: Jim Carey,
Nem todo riso é satisfação;
Para os cultos: Bethoven,
Além das notas da composição;
Para a vida: todos nós,
Pois me diga quem é exceção?!
E de repente uma afonia,
O significante do aperto no coração,
Insônia catatonia,
E a apatia sem descrição.
Enfim, uma anedonia

Com o que existe na criação
E até ideação suicida
Em uma e outra ocasião.
Quem é ela, ela finda?
Tem tratamento, superação.
Vamos falar mais sobre isso:
O nome dela é Depressão!

(Do autor, 2020)

Segundo Gonçalves e Machado (2007), Hipócrates, no século V antes de Cristo, já definia a Depressão pelo termo melancolia, mas, o termo Depressão só fora aparecer muito tempo depois. De acordo com Teodoro (2010), a melancolia e a Depressão têm sintomas comuns, porém há diferenças na duração do sofrimento psíquico, onde a segunda incapacita diversas áreas do indivíduo.

De acordo com Solomon (2014), Hipócrates declara a Depressão como uma doença cerebral que deveria ser tratada com medicação específica. Hipócrates registra um marco na História da Depressão, pois é visível naquele contexto uma generalização da doença oriundo de problemas supostamente espirituais.

Ao decorrer da evolução da Depressão e suas causas, duas teorias firmam-se como as mais aceitas: a hipótese monoaminérgica e a hipótese do estresse. Sobre a hipótese monoaminérgica, a proposta da mesma é que exista uma deficiência nos neurotransmissores monoamínicos, ou seja, um desequilíbrio que compromete a atividade normal neurotransmissora como: a serotonina, a noradrenalina, a dopamina, e o déficit neste processo resultam em sintomas depressivos. Sobre a hipótese do estresse, em resposta aos estímulos agressivos do ambiente, o hipotálamo produz um hormônio (CRF) para convencer a hipófise a mandar ordem para as suprarrenais produzirem cortisol. Se ocorrer um desequilíbrio nessa produção pode desencadear sintomas depressivos. (STAHL, 2014).

De uma forma muito assertiva, Botega (2018, p.11) cita a Depressão: “ ela chega como uma nuvem que antecede a uma tempestade amedrontadora, coloca sobre a vida um peso cinzento, impõe ao ser uma imobilidade de pedra. A depressão paralisa; às vezes, conduz ao desespero”. Por outro ângulo, Deus (2009) descreve a depressão de forma bem suscita, porém objetiva, como uma diminuição ou queda de energia física e psíquica no indivíduo.

O olhar clássico de Dalgalarrodo (2019), caracteriza a Depressão como o humor deprimido e constante que não ocorre melhora com o passar do tempo, tendo uma duração variável que pode surgir após perdas significativas: pessoa querida, emprego, moradia

e status. Botega (2015, p.112) afirma que: “ A Depressão é uma doença. Ela tem base biológica cada vez mais esclarecida. A hereditariedade tem um peso determinante, e vários membros da família podem ser acometidos”.

A Depressão é um estado que dura o mínimo de algumas semanas, podendo persistir por mais de um ano, por esse motivo, de acordo com o *AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – DSM-V* (APA, 2014), pode-se classificar a depressão em leve, moderada e grave.

Sempre existiu uma relação entre as crenças, a doença e a saúde com fatores positivos e negativos defendidos por inúmeros autores. Para Freud (1974), a religião era para vida social como a neurose é para a vida individual. Ele vincula a neurose obsessiva às práticas religiosas e seus ritos. A religião seria uma defesa contra os medos e proteção contra os impulsos do id. Já Jung (1963) afirma que a religião propicia o contato com os símbolos e possibilita explicações para as perguntas da vida.

Segundo Deus (2008), para o homem primitivo a doença era vista como ação dos deuses; para os hebreus uma punição. Lopes (2007), revela que existem pregadores que cometem grave equívoco ao associar que toda doença mental é possessão. Dalgalarrondo (2008), registra que alguns subgrupos religiosos proíbem o uso de vacinas em seus membros; como os Testemunhas de Jeová, que proíbem a transfusão de sangue e inibem adeptos a tratamentos medicamentosos ou psicoterápicos. Em contrapartida, de acordo com Carvalho (2014), diversos pastores têm procurado o conhecimento científico para auxílio no atendimento e a busca pela formação em psicologia.

Segundo Deus (2009), considerando 50 laudos de pacientes cristãos, onde 13 deles eram de pastores. Ao serem indagados sobre a causa de sua depressão relataram: estresse do exercício pastoral; relacionamento conjugal, pecado, falta de fé e ação do demônio. E ainda Souza e Mariano (2009), investigando o grau de conhecimento que o cristão tem sobre o que é Depressão, origens e causas, os resultados foram que 90% afirmam conhecer a Depressão, mas só 10% têm noção mais aprofundada; 90% não conhecem os tipos e só 10% têm certa noção.

Portanto, a despreocupação quanto à informação científica sobre a doença, pode influenciar no enfrentamento da mesma. Talvez a história tenha se acostumado com as extremidades e suas visões, e haja uma divisão entre ciência e religião; doença e pecado; psicologia e teologia; fé e fatos.

O Instituto de Pesquisa Datafolha (2006) realizou um levantamento sobre o grau de pessoas que se consideram feliz. Entrevistou-se uma amostra de 7.724 pessoas em 339 municípios brasileiros, onde os evangélicos pentecostais foram os que relataram as taxas mais altas de felicidade com 83%, os evangélicos históricos, os católicos e os espíritas empataram com 76% e os sem religião ficaram com 67%.

A questão não é se de fato são mais felizes ou não, todavia, como eles convivem com os membros depressivos? Será que os pastores se acham capacitados para tratar

membros depressivos? Diante disso, Deus (2008), revela que o sentimento religioso dificulta a busca de um tratamento especializado. A liderança na resposta afirmativa se deu pelos neopentecostais e pentecostais. De trinta e cinco pacientes, 72% tiveram dificuldades para buscar o tratamento.

A pesquisa realizada por Reinaldo e Santos (2016), foram entrevistados 56 pacientes com e sem vivência religiosa: 35 profissionais de saúde, 46 familiares desses pacientes e 12 líderes religiosos para compreender a percepção em relação a religiosidade e transtornos mentais. Familiares e líderes religiosos consideraram a vivência religiosa importante quando o paciente consegue separar o que é da doença e o que não é; quando aproxima o paciente da família e do grupo religioso, protege-o de situações de risco, proporciona melhor convívio familiar e contribui para a adesão do tratamento.

A Depressão é classificada em graus: leve, moderada e crônica. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2017), o uso de antidepressivos não é indicado para os casos leves, nem para crianças, pois se deve considerar alternativas como a psicoterapia. O tratamento medicamentoso minimiza os sintomas, porém não transforma a visão do indivíduo e como ele enfrenta a doença.

De acordo com Teodoro (2010), a psicoterapia é um tratamento que permeia as questões psicológicas e pode ser de forma individual ou grupal. Assim, Nunes, Souza e Castro (2018), aplicaram um questionário em uma amostra com dez líderes religiosos sobre a experiência da psicoterapia. Os 20% respondem que fazem ou já fizeram e 80% respondem não ter experienciado.

Peres, Simão e Nasello (2007, p.138), refletem: “deve o psicólogo discutir temas espirituais com seus clientes?” Pois é de suma importância que o terapeuta desenvolva uma postura empática. Segundo Borges (2015) é necessário que o terapeuta não desvalorize a relação cliente-religião para que a relação e o vínculo terapeuta-paciente ocorram.

Crenças religiosas podem interferir na busca por um tratamento psicoterápico, além do afeto do psicoterapeuta para com a religião. Neste raciocínio, Kirov (1998 *apud* GOMES, 2011), relata ser frequente que psicólogos e psiquiatras ignorem crenças religiosas, como também que líderes religiosos tenham reservas em relação ao tratamento. Em contrapartida, Jesus e Ávila (2017), esclarece que não são todos os círculos religiosos onde a psicoterapia e a psiquiatria são rejeitadas.

Assim Schestatsk e Fleck (1999), afirmam que a capacidade do terapeuta em promover confiança, segurança e um espaço emocional seguro afeta o indivíduo a sentir-se compreendido. Não é distante dessa ideia que se reconhece a preocupação da Organização Mundial de Saúde (1998), onde salienta a saúde também como bem-estar espiritual.

3 | METODOLOGIA

A pesquisa utilizou-se da Revisão de Literatura para responder às expectativas do

objetivo e das hipóteses propostas. Segundo Creswell (2007), a revisão de literatura ajuda a delimitar o escopo investigado e compartilha resultados de outros estudos que estejam relacionados com o estudo em questão.

Adotou-se uma metodologia qualitativa por se preocupar com a significação dos fenômenos sem necessariamente se fixar em informações estatísticas, conforme Oliveira, Ponte e Barbosa (2006). E uma abordagem exploratória, já que não se apresenta um sistema de teorias e conhecimentos desenvolvidos, fez-se necessário desencadear um processo de investigação segundo Koche (2011).

Realizou-se uma Revisão Sistemática da Literatura. De acordo com Sampaio e Mancini (2007) que é um método utilizado para evitar viés de uma análise apenas objetiva dos resultados, o que facilita uma reunião de estudos mais conclusiva.

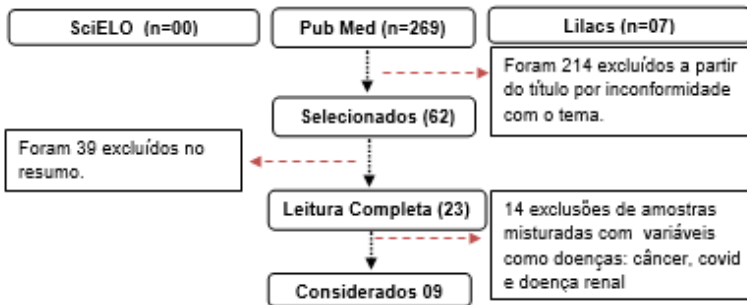
No processo de pesquisa foram utilizados como descritores os termos em inglês *“depression”* and *“religious beliefs”* and *“mental health”* na base de dados da Pubmed, SciELO e Lilacs onde inicialmente obteve-se 276 artigos. A busca foi desenvolvida entre os meses de abril e junho de 2021.

Quanto a seleção de filtros foi adotada: artigos completos publicados entre 2011 à 2021, escritos em português e inglês. Nos critérios de exclusão foram desconsiderados artigos incompletos, os sem conformidade com o objetivo da pesquisa e também publicados com data anterior ao ano de 2010, e nos critérios de inclusão foram considerados artigos completos e em conformidade com o tema.

4 | RESULTADOS

Quanto a seleção dos artigos, na primeira etapa, foram identificados 276 artigos na base de dados Pubmed, Lilacs e SciELO usando os descritores: *“depression”* and *“religious beliefs”* and *“mental health.”* Assim, no processo de leitura dos títulos e resumos excluíram-se 253 destes, e as exclusões de tais artigos se deram mediante incompatibilidade com o desfecho de interesse do tema; na segunda etapa, ocorreu a leitura na íntegra de 23 artigos e destes foram excluídos 14. Diante disso, na terceira etapa, após leitura de estudo, foram considerados 09 artigos. Abaixo segue o fluxograma das etapas de seleção dos artigos.

Fluxograma dos artigos selecionados:



FONTE: Dados da Pesquisa.

Os artigos sobre a temática foram publicados em língua inglesa e as amostras se caracterizam por americanos religiosos em sua grande maioria de afro-americanos. Houveram diferentes faixas etária: adolescentes de 11 a 17 anos, adultos acima de 18 e anciãos acima de 50 anos. Diante disso, o estudo que obteve maior numero em amostra contou com 3.750 pessoas e a menor amostra com 21 participantes.

Das nove pesquisas, três delas ressaltaram a questão do nível de escolaridade destes líderes religiosos. Hankerson (2013), teve achados de 57,01% em Ensino Superior; Bryant (2013) caracterizou toda a amostra com ensino superior completo e Payne (2014) expõe 82% da sua amostra com algum nível de educação secular, tendo 25% (um quarto) de uma amostra altamente escolarizada.

| Autor | Local | Periódico |
|---------------------------------------|-------------------|---|
| (TAYLOR <i>et. al.</i> ,2012). | Michigan- EUA | The Journal of nervous and mental disease |
| (HANKERSON <i>et. al.</i> , 2013). | Nova York – EUA | Jornal of urban health |
| (BRYANT <i>et. al.</i> , 2013). | Arkansas – EUA | Journal of National Black Nurses` Association |
| (PAYNE <i>et. al.</i> , 2014). | Califórnia – EUA | J. Religion and Health |
| (WILLIAMS <i>et. al.</i> , 2014). | New Jersey – EUA | Social Work in Health Care |
| (BRELAND-NOBLE <i>et. al.</i> , 2015) | Sudeste dos EUA. | Ment Health Religion and Culture |
| (DALENCOUR <i>et. al.</i> , 2017). | Los Angeles- EUA. | Psychiatric Services |
| (WHARTON <i>et. al.</i> , 2018). | Michigan – EUA | Research on aging |
| (SHEBAK <i>et. al.</i> , 2019). | Michigan – EUA | Distúrbio do SNC do Prim Care Companion |

Quadro 1.- Artigos incluídos na Revisão Sistemática.

Fonte: Próprio autor (2021).

A localidade que mais publicou sobre a temática em questão foi o Estado de Michigan em relação as outras regiões, registrando três pesquisas. No gráfico 1, observou-se que parece não haver um interesse linear pela temática, representado pela lacuna dos anos de publicação, o que é visível em: 2011, 2016, 2020 até o mês de maio de 2021. Nota-

se uma pequena constância nos anos de 2013 e 2014.

Gráfico I - Tempo de publicações dos artigos.



Fonte: Próprio autor (2021).

| Autor | Amostra | Limitação | Vantagem | Objetivo | Resultados |
|------------------------------------|---|---|--|---|--|
| (TAYLOR <i>et. al.</i> , 2012). | 3.570 afro-americanos . | Resultados não são generalizáveis. | Análise de diversas variáveis religiosas. | Identificar fatores de proteção contra a depressão | A frequência religiosa é fator de proteção para a saúde mental. |
| (HANKERSON <i>et. al.</i> , 2013). | 21 ministros. | Os resultados não são generalizáveis | Construção de confiança entre ministros e profissionais. | Explorar as percepções dos ministros sobre a depressão. | Depressão como sofrimento atribuindo a condições socioeconômica, conflitos interpessoais, sistema familiar e perdas. |
| (BRYANT <i>et. al.</i> , 2013). | Os 24 pastores e paroquianos. | A amostra foi recrutada de apenas um município da comunidade da fé. | Os dados validados por estudos anteriores, e sobre o enfrentamento da Depressão. | Examinar como religiosos afro-americanos rurais veem as barreiras para o diagnóstico e o tratamento da depressão. | 04 barreiras internas: negócios pessoais, “mentalidade”, “negação” e “fingir”, e 04 externas: “crenças espirituais”, “falta de recursos médicos,” “ falta de educação sobre depressão ”e“ estigma. |
| (PAYNE <i>et. al.</i> , 2014). | 204 pastores protestantes, com idades entre 20 e 65 anos. | Os autorrelatos podem ser afetados por viés da memória, e não são generalizáveis. | Analisar características específicas como a educação teológica e secular no tratamento da depressão. | Investigar se o nível de educação interfere no direcionamento frente ao tratamento da depressão | Os pastores que tiveram algumas aulas na faculdade secular, mas não obtiveram um diploma de bacharel, sentiram-se mais fortes sobre o pastor ser a melhor escolha para tratar a depressão. |
| (WILLIAMS <i>et. al.</i> , 2014). | 96 pessoas de igrejas batistas. | Ausência de dados quantitativos para avaliar o impacto. | Dados sobre serviços educacionais de saúde baseados na fé. | Descrever programa voltado para educar o clero, reduzir o estigma da depressão. | O programa necessita ter uma avaliação a longo prazo por ser inovador. |

| | | | | | |
|--|--|---|---|--|---|
| (BRELAND-NOBLE <i>et. al.</i> , 2015). | 28 adolescentes depressivos. | Reconhece a amostra pequeno da pesquisa. | Inovador por fornecer dados de enfrentamento | Examinar a depressão em jovens, suas crenças e práticas de enfrentamento. | A religião é benéfica nas experiências depressivas. |
| (DALENCOUR <i>et. al.</i> , 2017). | 947 afro americanos. | Medidas baseadas em autorrelatos. | Em contraste com alguns estudos, este relata influencia na promoção de saúde. | Examinou o uso de cuidados para depressão fornecidos por organizações religiosas. | Afro-americanos não nascidos nos EUA recebeu serviços de depressão baseados na fé: indicações de especialistas, psiquiatria e tratamento medicamentoso. |
| (WHARTON <i>et. al.</i> , 2018). | 50 anciãos afro-americanos de igrejas. | Resultados não generalizáveis pela amostra de três igrejas. | Examinou aspectos críticos dos cuidados e acesso ao suporte da depressão. | Examinar o papel das crenças, atitudes e fatores relacionados à adesão a tratamentos de depressão. | Apesar do estigma da depressão relacionada a falta de fé, muitos participantes percebiam a ajuda profissional como fornecida por Deus. |
| (SHEBAK <i>et. al.</i> , 2019). | 75 pessoas | Amostra Modesta | Dados sobre percepção | Determinar a influência das crenças religiosas. | As crenças religiosas desempenham papel importante. 37,3% acreditam que estar perto de Deus traz benefícios. |

Quadro 2 – Descrição dos artigos analisados.

5 | DISCUSSÕES

A partir dos resultados descobertos, foi observado o importante impacto que a religião e suas crenças exercem no indivíduo portador de sintomas depressivos na busca por uma melhor saúde mental.

Algumas variáveis se sobressaíram diante desta investigação que se relacionavam com o foco dos objetivos das pesquisas encontradas, por exemplo, variáveis como a filiação religiosa foram apresentadas no estudo de Taylor (2012); já Hankerson (2013) focou na percepção dos ministros sobre a depressão; Bryant (2013) ateu-se as barreiras que impediam o diagnóstico e tratamento da mesma; Payne (2014) apresentou a visão dos pastores sobre a depressão e o seu direcionamento; Williams (2014) e Dalencour (2017) expuseram o papel da igreja em programas de depressão; Breland-Nobre (2015) focou na religião como incentivo e apoio; Wharton (2018) e Shebak (2019) expuseram a influência das crenças religiosas na adesão ao tratamento da doença.

De acordo com Hankerson (2013) em sua pesquisa qualitativa, transversal e de grupos focais, foi explorado a percepção de vinte e um ministros líderes de mega igrejas nos Estados Unidos sobre o conceito da depressão. A maioria do clero descreveu a depressão como uma doença, um deles relacionou a depressão a questões espirituais, e um ministro

descreveu a mesma com definições científicas embasando-se na tríade cognitiva que espelha a visão negativa do mundo. Assim como, Wharton (2018), em uma amostra de três igrejas no sudeste de Michigan, investigou cinquenta anciãos afro-americanos entre homens e mulheres que reconheceram a depressão como um desequilíbrio químico, porém também havia crenças de que a depressão estava associada à falta de fé e a fraqueza espiritual.

Em contrapartida, Bryant (2013) em sua pesquisa também qualitativa, transversal e de grupos focais, explorou a percepção da comunidade religiosa, registrando relatos de que a depressão é um evento que faz parte da vida e não necessariamente exige uma intervenção de profissionais de saúde.

Observou-se em três estudos a importância do apoio da comunidade religiosa representada por uma figura de autoridade confiável, como registra Breland-Nobre (2015), e como essas pessoas são consideradas porteiros que direcionam e encaminham membros à profissionais de saúde mental de acordo com Hankerson (2013), o que é concordado por Wharton (2018) ao comparar estes líderes como sendo portas através da quais as pessoas buscam ajudas.

Payne (2014) em sua pesquisa qualitativa e transversal com 204 pastores protestantes de 26 igrejas do Estado da Califórnia, investigou as melhores maneiras de tratar a depressão com uma escala de seis declarações, onde o clero poderia concordar ou discordar. Dos 204 pastores, 77% concordaram em encaminhar a membresia a um centro de saúde; 89% concordaram com a importância de um médico, ainda que 80% concordaram que o pastor é a melhor pessoas para conversar sobre a depressão. E apesar de 82% ter algum nível de educação secular de títulos desde graduação até PhD, 25% apenas tinham treinamento em aconselhamento pastoral, um quarto da amostra.

Sobre as barreiras que podem interferir na identificação, enfrentamento e tratamento da depressão, identificou-se crenças religiosas como um estigma que representa uma erosão do relacionamento com Deus. De acordo com Hankerson (2013), a demonização da depressão como uma entidade espiritual, a maldição geracional, a rotulação de quem apresenta sintomas depressivos com a loucura, o acesso limitado a programas de saúde, ausência de informação sobre a doença, o sigilo sobre o evento, o ceticismo aos profissionais de saúde, a negação dos sintomas e a atitude imposta pelos membros de que tudo vai bem segundo Bryant (2013).

Sobre o enfrentamento religioso e as intervenções informais diante dos sintomas depressivos, os achados foram a inclusão de oração e conexão (comunhão) com a comunidade de acordo com Wharton (2018). Os grupos de apoio terapêuticos liderados por profissionais da saúde, oração e aconselhamento pastoral segundo Hankerson (2013), além da frequência religiosa como fator de proteção e a leitura de materiais religiosos, porém tal leitura não de maneira frequente, o que pode aumentar a culpa e a sensação de inadequação por não atingir um padrão ideal de comportamento ou moralidade segundo

Taylor (2012).

Vale ressaltar que na amostra com adolescentes do sudeste dos Estados Unidos, Breland-Nobre (2015) registrou que apesar dos mesmos reconhecerem a oração como importante fator de enfrentamento para sintomas depressivos, não deixaram de reconhecer que a iniciativa de mudança, o senso de responsabilidade e controle das decisões é essencial para o enfrentamento.

O papel ativo da religião como instituição de apoio frente a saúde mental de seus membros depressivos foi investigado na pesquisa de Dalencour (2017) em uma amostra de 974 religiosos, onde 565 (60%) frequentavam um local religioso, sendo que 223 (39%) revelaram que receberam serviços de apoio a depressão; 192 (86%) foram aconselhados sobre o enfrentamento e a saúde mental; 146 (66%) relataram que alguém falou com eles sobre a doença; 82 (37%) sugeriram um especialista e 72 (32%) sugeriram a possibilidade medicamentosa. Os resultados contrastam com outros estudos que levantaram preocupações de que tais serviços religiosos podem desencorajar seus frequentadores a procurar serviços formais de saúde mental, concluindo que tais serviços são complementos aos cuidados tradicionais, ao invés de substituí-los.

Diante disso, surge uma discreta preocupação com programas de saúde em relação a depressão e aos religiosos. Williams (2014), apresenta a implantação de um programa em denominação batista que avalia conhecimentos básicos sobre a doença, propondo vídeos de pessoas que recebem tratamento, como identificar sinais e sintomas da doença, além de técnicas de comunicação e intervenção em casos de crise com o objetivo também de combater o estigma da doença na comunidade religiosa.

Sobre a questão da Informação e maior conhecimento referente à doença, os dados colhidos registram um interesse significativo em treinamentos para lidar melhor com o enfrentamento. Payne (2014), revela que dos 204 pastores, 77% demonstraram interesse em capacitação; como também Bryant (2013), identificou que os líderes expressaram a importância de saber mais sobre a doença, principalmente o clero de poder aquisitivo mais baixo; e ainda a falta de conhecimento e despreparo em casos graves preocupam ministros por receio de causar danos psicológicos maiores no ato do aconselhamento.

Na última pesquisa selecionada segundo Shebak (2019), a amostra referiu-se a 75 mulçumanos árabes americanos conduzido em templo islâmico, onde o objetivo era determinar a influência das crenças religiosas em relação à depressão. Dos 75 membros, 64 pessoas (85,3%) acreditam que a depressão é uma doença médica; 33 destes (44,0%) creem que é uma doença hereditária; 59 (78.7%) acreditam que o tratamento traz melhoras; 24 (32,0%) acreditam que o medicamento leva ao vício e 28 delas (37,3%) acreditam que estar perto de Deus evita a depressão. Sendo assim, 25 pessoas (33,3%) desta amostra revelaram sentir sintomas depressivos.

Por fim, apesar de identificar sentimentos contraditórios referente as crenças e apoio emocional da comunidade religiosa, por exemplo, Breland-Nobre (2015) em registro de

falas de sua amostra, os jovens relataram que os benefícios de receber ajuda de ambientes religiosos superam os custos por tais comunidades proporcionarem um ambiente seguro e protegido.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

É visível que as crenças religiosas partilham pontos positivos e negativos no processo de saúde-doença em termos depressivos, e que por consequência deste processo, ainda haja barreiras de como é percebida e enfrentada a depressão.

Ao identificar-se as crenças religiosas, percebe-se que ainda existe uma associação de sintomas depressivos à fatores espirituais, porém em menor escala comparada à percepção científica que já é dada a doença pela liderança da comunidade religiosa.

Diante dos achados, considera-se que as instituições religiosas desempenham lugar de suporte e apoio aos membros que apresentam sintomas depressivos, o que é expresso em programas e grupos terapêuticos no ambiente religioso. Apesar de ainda iniciar uma postura discreta em relação a promoção de saúde mental.

A adesão ao tratamento tem algumas barreiras que evidenciam o estigma enfrentado como: as crenças religiosas referente a depressão como fraqueza ou déficit espiritual, ainda que se encontrem o fator de crenças positivas na proteção de sintomas depressivos. Outras barreiras externas como o acesso aos serviços de saúde e a necessidade de maior informação aos líderes que lidam com esta demanda no cotidiano.

As limitações encontradas na investigação da pesquisa, identificou a restrição das amostras que não nos permite realizar generalizações, a lacuna entre os anos de publicação sobre o tema, além da identificação do déficit na literatura científica do Brasil. A literatura científica americana expande sobre a temática, porém acusa o desinteresse de outros países, que carecem de pesquisas na área.

Diversos artigos foram encontrados sobre a espiritualidade e outros transtornos mentais, porém tiveram achados escassos especificamente sobre a depressão e o impacto que as crenças tem sobre este indivíduo em contexto de instituição religiosa. Por isso, sugere-se o interesse por pesquisas de campo com amostras mais substanciais, principalmente em território brasileiro, já que somos um país indiscutivelmente religioso, e que haja uma investigação entre a percepção da liderança e da membresia sobre a depressão, o que não foi exposto por este artigo.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRELAND -NOBLE, A. M. *et al*. Spirituality and religious coping in African American youth with depressive illness. *Mental health, religion & culture*, Washington -EUA, v. 18 n.5, p. 330–341, setembro. 2015. DOI: 10.1080 / 13674676.2015.1056120. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4612492/>. Acesso em: 23 maio 2021.

BRYANT, K. Barriers to diagnosis and treatment of depression: voices from a rural African-American faith community. **Journal of National Black Nurses' Association**: JNBNA, Boston, v.24, n.1, p. 31–38, julho. 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3983966/>. Acesso em: 23 maio 2021.

BORGES, R. S. P. **A Religião em Psicoterapia**: Experiências de Terapeutas com Clientes Religiosos. 2015. 115f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto Universitário Ciências Psicológicas Sociais e da Vida, São Paulo, 2015.

BOTEGA, N. J. **Crise Suicida**: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BOTEGA, N. J. **A tristeza transforma, a depressão paralisa**. São Paulo: Benvirá, 2018.

CARVALHO, M. F. **Religiosos Psicólogos**: laços internos, limites tênues. Um olhar sobre a busca da psicologia por pastores evangélicos e seu impacto nas práticas ministeriais. 2014. 84f. Monografia (Bacharelado em Psicologia) – Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, Vitória, 2014.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DALGALARRONDO, P. **Religião, Psicopatologia e Saúde Mental**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DALENCOUR, M. *et al*. The Role of Faith-Based Organizations in the Depression Care of African Americans and Hispanics in Los Angeles. **Psychiatric Services**. [s. l.], v. 68, n.4, p. 368 -374, mês. 2017. DOI: 10.1176 / appi.ps.201500318. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5726521/>. Acesso em: 23 maio 2021.

DEUS, P. R. G. DE. **As influências do Sentimento Religioso no Cristão Portador de Depressão**. 2008. 147f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

DEUS, P.R. G. DE. Um estudo da depressão em pastores protestantes. **Revista Ciência da Religião – História e Sociedade**. São Paulo. v. 7, n. 01, p. 190 – 202, 2009.

FREUD, S. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Standad Brasileira/Imago, 1974.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão** – O mal estar da civilização. Rio de Janeiro: Standad Brasileira/ Imago, 1974.

GONÇALES, C. A. V.; MACHADO, A. L. Depressão, o Mal do Século: de que século? **Revista Enferm**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 02, p. 298 – 300, abr./jun. 2007.

GOMES, A. M. A. Um olhar sobre depressão e religião numa perspectiva compreensiva. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 25, n. 40, p. 81 – 109, jan./jun. 2011.

HANKERSON, S. H. *et al.* Ministers' perceptions of church-based programs to provide depression care for African Americans. **Journal of urban health** : bulletin of the New York Academy of Medicine, [s. l.], v. 90, n. 4, p. 685–698, março. 2013. DOI: 10.1007 / s11524-013-9794-y. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3732678/>. Acesso em: 23 maio 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA DATAFOLHA. Brasileiro se diz feliz, mas não vê o vizinho tão alegre. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 10, set. 2006.

JESUS, E.; AVILA, M. **A Igreja no Divã**: inquietações dos pastores e pastoras a respeito da psicologia. 2017. 79f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Est, São Leopoldo, 2007.

JUNG, C. G. **Psicologia e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1963.

KOCHE, J. C. **Fundamentos de Metodologia Científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

LIMA, M. S DE. Epidemiologia e impacto social. **Rev. Bras. Psiquiatria**. São Paulo, v. 21, supl. 01, p. 01 – 05, maio, 1999.

LOPES, H. D. **Não desista de você**: viva uma vida que faça sentido. 2. Ed. São Paulo: Hagnos, 2007.

MATIAS, F. J. **Aconselhamento Pastoral com Pessoas em Situação de Depressão**: um estudo teórico na perspectiva da prática do cuidado. 2014. 166f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade EST, São Leopoldo, 2014.

NUNES, R. S.; SOUZA, R. V. C.; CASTRO, A. Fatores Associados à Depressão em Líderes Religiosos de uma Denominação Pentecostal. **Id on Live Revista Multidisciplinar de Psicologia**, [online], v. 12, n. 42, p. 367- 382, 2018.

OLIVEIRA, M. C.; PONTE, V. M. R.; BARBOSA, J. V. B. Metodologias de Pesquisas Adotadas nos Estudos sobre Balanced Scorecard. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS, 12., 2006, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: 2006, p. 1-16.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE- (OMS). Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamentos da CID-10. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PAYNE, J.S. The influence of secular and theological education on pastors' depression intervention decisions. **Journal of Religion and Health**, [s. l.], v. 53, n. 5, p. 1398 – 1413, julho. 2014. DOI: 10.1007 / s10943-013-9756-4. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4138430/>. Acesso em: 23 maio 2021.

PORTO, J. A. D. Conceitos e Diagnóstico. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 6 – 11, maio, 1999.

PERES, J. F. P.; SIMÃO, M. J. P.; NASELLO, A. G. Espiritualidade, Religiosidade e Psicoterapia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, n. 01, p. 136 - 145, 2007.

REINALDO, A.M. S.; SANTOS, R. L. F. Religião e transtornos mentais na perspectiva de profissionais de saúde, pacientes psiquiátricos e seus familiares. *Saúde Mental. Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 110, p. 162 – 171, jul./set. 2016.

SAMPAIO, R. R.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão Sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Rev. Bras Fisioter*, São Carlos - SP, v. 11, n. 1, p. 83 – 9. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbfi/s/v11n1/12>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SCHESTATSKY, S.; FLECK, M. Psicoterapia das Depressões. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 41 – 47, maio, 1999.

SOLOMON, A. **O demônio do meio dia**: uma anatomia da depressão. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SOUZA, R. G.; MARIANO, R. A. Os cuidados cristãos com os depressivos: uma necessidade atual para a igreja. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA*, 6., 2009, Maringá. **Anais** [...]. Maringá: Centro Universitário de Maringá, 2009. p. 01-06.

SOUZA, F. G. M. Tratamento da Depressão. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 18-23, maio, 1999.

SHEBAK, S.S. *et al.* Atitudes em relação à depressão em muçulmanos árabes-americanos: um estudo piloto. **Distúrbios do SNC do Prin Care Companion**. [s. l.], v.21, n.6, p.19, dezembro. 2019. DOI: 10.4088/PCC.19m02499. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31846237/>. Acesso em: 23 maio 2021.

STAHL, S. M. **Psicofarmacologia**: Bases Neurocientíficas e Aplicações Práticas. Tradução de Patrícia Lydie Vocux. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

TEODORO, W. L. G. **Depressão**: Corpo, mente e alma. 3 ed. Uberaba –MG: Reforma Interior, 2010.

TAYLOR, R. J. *et al* Religious involvement and DSM-IV 12 – month and lifetime major depressive disorder among Africa Americans. **The Journal of nervous and mental disease**. [s. l.], v. 200, n. 10, p. 856 -62, outubro. 2012. DOI: 10.1097 / NMD.0b013e31826b6d65 Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3464345/>. Acesso em: 23 maio 2021.

WHARTON, T. *et al.* Older, Church-Going African Americans' Attitudes and Expectations About Formal Depression Care. **Research on aging**. [s. l.], v. 40, n.1, p. 3–26, outubro. 2018. DOI: 10.1177 / 0164027516675666. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5842793/>. Acesso em: 23 maio 2021.

WILLIAMS, L. *et al.* "Implementing a mental health ministry committee in faith-based organizations: the promoting emotional wellness and spirituality program." **Social work in health care**, [s. l.], v. 53, n. 4, p. 414 – 434, abril. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/00981389.2014.880391>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4000587/>. Acesso em: 23 maio 2021.

SOBRE O ORGANIZADOR

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA - Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2011), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (2016) e graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Goiás (2019). Especializou-se em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (2012), História e narrativas Audiovisuais pela Universidade Federal de Goiás (2016), Psicopedagogia e Educação Especial, Arteterapia, Psicanálise pela Faculdade de Tecnologia e Ciências de Alto Paranaíba (2020). Possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2015). É doutorando em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professor na FacUnicamps, pesquisador da Universidade Federal de Goiás e psicólogo clínico - ênfase na Clínica Psicanalítica. Pesquisa nas áreas de psicologia, educação e teatro e nas interfaces fronteiriças entre essas áreas. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: inconsciente, arte, teatro, arteterapia e desenvolvimento humano.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação docente 29, 38

Adversidades 43, 49, 51, 58

C

Crenças religiosas 63, 65, 68, 72, 73, 74, 75

Criança 2, 37, 38, 44, 49, 51, 52, 57, 58, 59, 60

D

Depressão 49, 50, 52, 57, 58, 59, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78

Desenho 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27

Des-subjetivação 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27

Don Juan 10, 14, 15, 16, 17, 18

E

Espiritualidade 63, 75, 77

Eu 2, 7, 8, 11, 13, 14, 15, 19, 20, 22, 24, 25, 43, 44

F

Freud 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 21, 27, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 46, 47, 67, 76

I

Inconsciente 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 29, 30, 32, 33, 36, 38, 39, 40, 45, 46, 47, 79

Infancia 54

Introjeção 14, 19, 20, 22, 25, 26

J

Jung 1, 2, 3, 4, 9, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 67, 77

M

Memória educativa 29, 30, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46

N

Narcisismo 10, 11, 12, 13, 14, 18

P

Pã 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9

Performance 1, 8

Projeção 11, 14, 19, 20, 22, 25, 27

Psicanálise 1, 5, 6, 8, 9, 10, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 38, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 79

Psíquico 12, 32, 33, 35, 44, 47, 66

R

Religiosidade 63, 65, 68, 77

S

Saúde mental 49, 50, 59, 61, 63, 65, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78

Sonhos 1, 7, 27


Subjetivação 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27


T


Teoria do duplo 10, 18


Transtorno 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 64, 65

ABORDAGENS PSICOLÓGICAS DO INCONSCIENTE

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



 Atena
Editora

Ano 2021

ABORDAGENS PSICOLÓGICAS DO INCONSCIENTE

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



 Atena
Editora

Ano 2021